

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

Relatório Final

As festas como manifestação de cultura e clima de escola

Maria Inês Nicolau Falé

Trabalho realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES)

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB

Lisboa, Maio de 2015

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

Relatório Final

As festas como manifestação de cultura e clima de escola

Maria Inês Nicolau Falé

Trabalho realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES)

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB

Orientadora: Elisabete Gomes

Ano Letivo 2014/2015

Lisboa, Maio de 2015

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos os que me ajudaram e apoiaram a seguir este caminho, em especial aos meus pais.

E a todas as crianças que não têm direito à educação.

Agradecimentos

Sem uma conjugação favorável de fatores este trabalho não teria acontecido. Ter tido a sorte de ter uns pais maravilhosos, persistentes e dedicados foi determinante para ter chegado aqui. Ter uns tios fabulosos que me apoiaram e acolheram no meu percurso em Lisboa foi fundamental. Ter uma irmã determinada e perseverante foi inspirador. Ter um grupo de amigos que cresceram e partilharam comigo momentos especiais, ora bons ora maus, foi sempre um “abrigo” imprescindível.

A todos os professores que acompanharam e participaram no meu percurso académico.

A todas as colegas que embarcaram comigo nesta viagem.

À minha supervisora/orientadora de Prática de Ensino Supervisionada, pela disponibilidade e apoio.

Às professoras e instituições cooperantes onde realizei estágios, pelas críticas construtivas e pelo desbravar do caminho.

A todas as crianças que conheci, por me ensinarem e fazerem acreditar na importância do meu trabalho.

A todos, o meu sincero obrigada. Sem vocês não seria possível.

Epígrafe

“Educai as crianças para que não seja necessário punir os adultos”

Pitágoras (570 - 497 a.C.)

Resumo

A escola deve ser um espaço constituído por dinâmicas que definam a sua cultura e clima desempenhando o seu papel central na educação dos seus alunos. A educação é hoje considerada um dos principais processos de socialização e promoção do desenvolvimento individual de uma criança. Entende-se como cultura de escola um conjunto de fatores organizacionais e processos sociais partilhados pelos membros da comunidade escolar e específicos de cada uma. O clima de escola resulta das variáveis físicas (estrutura) e humanas (processo) que o definem.

Neste Relatório Final pretendo analisar uma festividade escolar, observada e vivida no decurso da PES, observando o impacto que tem na cultura e clima de escola da instituição onde decorreu a minha PES. Para isso foi necessário um enquadramento teórico-metodológico sobre o objeto de estudo em análise, uma caracterização da instituição em análise e uma apresentação da festividade em análise, a partir de uma abordagem metodológica qualitativa centrada na observação participante.

Com a pesquisa efetuada, concluí que as festividades escolares são por vezes vistas como fator menor nas escolas por considerarem que a transmissão de conhecimento formal é a essência do ensino. No entanto, estas são relevantes e dinamizadoras de processos de aprendizagens, contribuindo para a formação de cultura, de clima e de dinâmicas pedagógicas de uma instituição, tornando-as num fator maior.

Palavras-chave: Escola, Festas, Clima e Cultura.

Abstract

The school must be a space consisting of dynamics that define their culture and ambience playing its central role in the education of their students. Education is nowadays considered one of the main processes of socialization and promoting individual development of a child. It is understood as school culture a set of organizational factors and social processes shared by members of the school community and specific of each one. The school ambience is a result of physical (structure) and human (process) variables that define it.

In this Final Report I intend to analyze a school festival, observed and experienced during the PES, noting the impact it has on culture and school ambience of the institution where the PES took place. This required a theoretical and methodological framework on the subject of study under analysis, a characterization of the institution and a presentation of the festival in question, from a qualitative methodological approach focused on the participant observation.

With the performed research, I concluded that school festivities are sometimes seen as a minor factor in schools as the formal knowledge transmission is considered the essence of education. However, they are relevant and energize learning processes, contributing to the formation of culture, ambience and pedagogical dynamics of an institution, making them a bigger factor

Key-words: School, festivities, ambience and culture.

Índice

Índice de Anexos	x
Índice de Figuras	xi
1. Introdução	1
1.1. Emergência e relevância da escolha do tema estudado	2
1.2. Descrição da estrutura e metodologias do Relatório Final	5
2. Capítulo I - Enquadramento teórico-metodológico da Prática de Ensino Supervisionada (PES)	6
2.1. Relevância para a formação de professores e para a construção de um perfil profissional?	6
2.2. Festividades e cultura de escola	9
a) As festas e as festividades escolares: conceptualização e enquadramento Na problemática cultura de escola	9
b) As festas e a aprendizagem dos alunos	12
2.3. Opções metodológicas	14
3. Capítulo II - Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente .	22
3.1. O contexto da Prática de Ensino Supervisionada em 1.º CEB	23
3.2. Aspetos organizacionais da instituição	25
3.3. Objeto de estudo em análise	28
3.4. Considerando documentos curriculares para o 1.º CEB	31
4. Capítulo III - A Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição	34

4.1.	A Prática de Ensino Supervisionada (PES)	34
4.2.	Aspetos gerais da PES: a sala de aula e o ambiente educativo.....	36
4.3.	A festividade anual da instituição	42
a)	Relevância desta festa na cultura interna e externa da escola	47
b)	Relevância desta festa no clima da escola.....	49
c)	Em que medida esta festa tem impactos nas dinâmicas pedagógicas e nos processos de aprendizagens da turma em análise	53
4.4.	Impactos sentidos por ter participado na festividade.....	58
5.	Capítulo IV - Considerações Finais.....	61
	Bibliografia.....	66
	Anexos.....	70

Índice de Anexos

Anexo 1 – Guião da entrevista a realizar ao reitor da instituição	70
Anexo 2 – Guião das entrevistas realizadas aos docentes do 1º ciclo da instituição	72
Anexo 3 – Entrevistas realizadas aos docentes do 1.º ciclo da instituição	73
Anexo 3.1. – Entrevistas realizadas aos docentes (digitalizados) CD ROM.....	75
Anexo 4 – Textos livres sobre a festividade realizados pelas crianças	76
Anexo 4.1. – Textos livres realizados pelas crianças (digitalizados) CD ROM	78
Anexo 5 – Planta da sala de aula	79
Anexo 6 – Planificação da festividade	80
Anexo 7 – Dossiê de estágio digitalizado CD ROM.....	83

Índice de Figuras

Figura 1- Organograma da instituição (fonte própria adaptada do projeto curricular da instituição)	25
Figura 2 - Teatro realizado no dia da escola (fonte própria)	30
Figura 3 – Sala de aula (fonte própria).....	37
Figura 4 – Sala de aula (fonte própria).....	38
Figura 5 - Elaboração de materiais para exposição (fonte professora titular de turma) 44	
Figura 6 – Ensaaios no anfiteatro (fonte própria)	44
Figura 7 - Ensaaios para o teatro (fonte própria)	44
Figura 8 – Teatro (fonte própria).....	45
Figura 9 – Vendas e degustação de produtos típicos das regiões de Portugal (fonte própria)	46
Figura 10 – Exposição de trabalhos (fonte própria)	46
Figura 11 – Trabalhos coletivos (fonte professora titular de turma)	48
Figura 12 – Trabalhos em pequenos grupos (fonte própria)	49
Figura 13 – Trabalhos individuais (fonte própria)	49
Figura 14 – Espírito de equipa (fonte própria)	51
Figura 15 – Ajuda dos alunos (fonte própria)	51
Figura 16 – Trabalho de uma professora (fonte própria)	52
Figura 17 – Elaboração de flores de amendoeira para expor na sala (fonte professora titular de turma)	54
Figura 18 – Passar a limpo textos descritivos sobre as flores de amendoeira para expor na sala de aula (fonte própria)	54
Figura 19 – Ingredientes necessários para a elaboração dos bolinhos. (fonte própria) .	56
Figura 20 – Elaboração dos bolinhos (fonte própria).....	57

Figura 21 – Bolinhos antes de irem ao forno (fonte própria).....	57
Figura 22 – Bolinhos preparados (fonte própria)	57

1. Introdução

O presente Relatório Final integra-se na Prática de Ensino Supervisionada (PES) e pretende incorporar de forma sintética e reflexiva, experiências pedagógicas ocorridas durante o estágio do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich.

O Relatório Final evidencia uma enorme relevância, tanto do ponto de vista formal como do ponto de vista pessoal. Sendo um documento fundamental e imprescindível para a conclusão do mestrado e consequentemente da habilitação profissional como docente de educação de infância e do 1.º ciclo do ensino básico, este relatório deve evidenciar as competências adquiridas pela autora enquanto futura profissional. Neste sentido, a sua realização exigiu pesquisa, investigação, leitura e estudo. Este trabalho, em conjunto com o experimentado e observado em PES, permitirá a aplicação de conceitos adquiridos e apreendidos ao longo da licenciatura e do mestrado, bem como a sua projeção num futuro próximo enquanto docente. Saber adequar atividades, estratégias e outras metodologias, é também o objetivo deste relatório assim como: observar e refletir sobre situações diversas que ocorrem em contexto escolar, que devidamente sustentadas por diferentes autores, levam a refletir e interiorizar sobre a importância das leituras.

Para Pacheco e Flores (1999), “o conhecimento pedagógico do professor equivale ao estudo da bibliografia dedicada à compreensão do processo educativo, em geral, e do processo didático, em particular” (p.37).

Do ponto de vista pessoal, evidencio ainda que este relatório irá constituir um instrumento de apoio para um futuro enquanto profissional. Nele estão compiladas todas as atividades observadas e vivenciadas ao longo desta prática pedagógica. De acordo

com Flores e Simão (2009), “a formação de professores é um ponto de partida no processo de aprendizagem sobre o ensino que se desenvolve ao longo da carreira e não deve ser vista como um fim em si mesmo” (p.33), mas também porque “os professores, tal como outros profissionais, precisam de actualizar as suas competências e os seus conhecimentos – no caso dos professores as suas competências pedagógicas e o conhecimento do conteúdo” (p.100). Por tudo isto, este relatório representa os meus primeiros passos enquanto docente e servirá de ponto de partida para o meu desenvolvimento profissional.

1.1. Emergência e relevância da escolha do tema estudado

Como foi já referido, este relatório parte das experiências vividas na PES. Contudo, não as desenvolve igualmente. Assim, foi necessário seleccionar um tema em estudo o qual servirá de foco para o exercício reflexivo que aqui se introduz. O tema escolhido foi: *As festas como manifestação de cultura e clima de escola*.

Segundo Godinho (in Sérgio, 1984)

A escola é uma cidade, laboratório, oficina, uma comunidade de trabalho; a educação é uma acção, o que há que revolucionar são os métodos e não os programas (estes devem ser muito flexíveis), a acção pelo trabalho efectivo e em exposições verbais, exigindo do educando o esforço, sem pretender tornar o estudo “interessante”. (p.5)

O mesmo autor continua afirmando, ”A educação deixa de confundir-se com instrução, não é a assimilação enciclopédica de conhecimento, é a formação e firmeza crescente no saber fazer, no saber procurar.” (pp. 5-6)

Pelo aprendido ao longo do percurso académico e pela experiência pessoal enquanto aluna, sempre me interessei pela relação entre os Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB) e a formação cívica do aluno. A leitura de Sérgio acima citado levou-me a compreender que a função do professor não é só debitar conhecimento, é

mais do que isso: é dar a conhecer o funcionamento da sociedade que os rodeia e ensinar as crianças a transformarem-se em cidadãos ativos e participativos.

É neste sentido que podemos entender a relevância das festas escolares: trazem para o interior da instituição um modelo de celebração compatível com os que se praticam na esfera social que os envolve (sociedade em geral e a família). Não é um processo divergente mas antes integrador.

As festividades remetem-nos, normalmente, para manifestações culturais com grande passado. A preservação da memória é um fator de grande importância para a realização pessoal e profissional de um indivíduo. Sem memória, um indivíduo é incapaz de se inserir socialmente.

As festividades podem ter características específicas dentro da organização institucional. Isto permite a consciencialização de uma “cultura interna (conjunto de significados e de quadros de referencia partilhados pelos membros de uma organização) e cultura externa (variáveis culturais existentes no contexto de organização, que interferem na definição da sua própria identidade).” (Nóvoa, 1992, p. 29)

Fox (in Brunet 1992, p. 128) descreve clima escolar como resultante “do tipo de programa, dos processos utilizados, das condições ambientais que caracterizam a escola como uma instituição e como um agrupamento de alunos, dos departamentos, do pessoal e dos membros da direcção”.

As festividades são também promotoras de clima escolar, uma vez que para a sua realização, é necessária toda uma preparação prévia que envolverá toda a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, pais...). Este envolvimento terá um efeito determinante e direto sobre o rendimento e satisfação dos membros que fazem parte da organização escolar e contribuirá para o tipo de relações interpessoais, a coesão

do grupo de trabalho, o apoio recebido no trabalho e o grau de implicação nas tarefas a realizar.

Sendo a escola um espaço de interação, como aprendi com Hughes e Ubben (in Brunet, 1992, p.133), cujo clima “influencia directamente as atitudes dos professores e dos estudantes” podemos concluir, que sendo as festividades escolares impulsionadoras de um certo clima escolar, elas influenciam diretamente os comportamentos e atitudes dos alunos e professores.

A cultura e o clima de escola são elementos proporcionadores da adaptação dos alunos. Cada escola tem uma dinâmica que depende da cultura e clima existente. Se estes elementos forem positivos, a escola torna-se um espaço de desenvolvimento das capacidades cívicas e académicas de cada um.

Este tema tornou-se particularmente relevante na PES em contexto de 1º ciclo do ensino básico uma vez que uma parte significativa do meu período de estágio foi consagrada à participação nos trabalhos de preparação e fruição de um dia festivo aberto aos pais/encarregados de educação e à comunidade. A sua organização pressupôs um guião, organizado pelo corpo docente, mas que possibilitou a ação, a pesquisa e a crítica por parte dos seus atores principais – os alunos. Estes usaram o saber que lhes foi proporcionado, mas podem e devem ir, através dos seus interesses pessoais, obter conhecimento sobre o ato que estão a realizar. O modo como tudo se desenrolou fez suscitar em mim um conjunto de questões que norteiam este relatório:

- Qual a relevância desta festa na cultura interna e externa da escola?
- Qual a relevância desta festa no clima da escola?
- Qual o impacto desta festa nas dinâmicas pedagógicas e nos processos de aprendizagens da turma em análise?

1.2. Descrição da estrutura e metodologias do Relatório Final

Este Relatório, para além da presente Introdução e da necessária Reflexão Final, está subdividido em três capítulos. No Capítulo I, faz-se o enquadramento teórico-metodológico do tema em estudo e da sua relevância no âmbito dos objetivos e experiências da Prática de Ensino Supervisionada (PES); no Capítulo II, caracteriza-se o contexto institucional e comunidade envolvente; no Capítulo III, é descrita a Prática de Ensino Supervisionada (PES) na instituição, a partir do foco temático do relatório e com base nos dados recolhidos e nas experiências vividas.

A metodologia utilizada para a realização deste Relatório Final tem como base uma investigação qualitativa. As estratégias utilizadas para recolha de dados foram a observação, a entrevista e a pesquisa documental. Diariamente, efetuei registos referentes às observações realizadas no estágio de PES. Semanalmente, redigi um dossiê de estágio com base nos registos e observações realizados. Pontualmente, investiguei textos de cariz pedagógico.

Por fim, na Reflexão Final, serão expostas as análises críticas da experiência vivida na PES, tendo em consideração todos os elementos apresentados nos capítulos anteriores, com o intuito de refletir sobre o conhecimento adquirido ao longo desse processo e projetar novos caminhos de investigação. Estará também presente uma reflexão sobre o contributo que a PES teve no alargamento dos meus conhecimentos a nível profissional e pessoal, especificamente, na construção deste Relatório Final.

2. Capítulo I - Enquadramento teórico-metodológico da Prática de Ensino Supervisionada (PES)

Neste capítulo, aborda-se o objeto de estudo: *As festas como manifestação de cultura e clima de escola.*

O enquadramento teórico apresentado é elaborado a partir da pesquisa bibliográfica sobre cultura e clima de uma escola.

O texto apresentado está dividido em secções criadas com o objetivo de dar a conhecer: a relevância do tema abordado para a formação de professores e construção de um perfil profissional; festividades e cultura de escola com base na análise da literatura efetuada; opções metodológicas e procedimentos utilizados na observação empírica e análise do problema no terreno.

Tem como objetivo evidenciar o interesse que o tema suscita como forma de intervenção pedagógica e o modo com os autores e investigadores tratam o assunto.

2.1. Relevância para a formação de professores e para a construção de um perfil profissional?

A formação profissional contínua deveria ser um elemento constante para o bom desempenho de qualquer docente. Pelo que é publicado na comunicação social e pelo contacto que fui tendo, ao longo da PES, com diversos professores, considero que estamos perante uma classe não totalmente satisfeita com as expectativas que lhes foram sendo criadas. Os docentes estão permanentemente a ser solicitados para tarefas burocráticas que não os motivam.

Acresce que o grupo profissional dos professores tem sido substancialmente desprestigiado, e muitas vezes induzido a cumprir metas estatísticas em detrimento do trabalho da educação. Segundo Nóvoa (2006) “a sociedade portuguesa tem revelado

alguma preocupação com as questões educativas e uma total incapacidade para qualificar e prestigiar a profissão docente.” (p.117)

A aprendizagem do professor que deveria ser feita ao longo da vida, não se pode consignar somente ao saber individual.

Acredito que estamos perante uma nova fronteira de sentido da profissão docente. Infelizmente, os programas de formação de professores não têm prestado a devida atenção a este aspecto, não têm dado aos professores os instrumentos necessários para a análise das práticas, não lhes têm despertado essa necessidade que vai muito para além de um esforço individual e que insere o conhecimento profissional num esforço de debate e de partilha com os outros. A reflexão de cada um sobre o seu trabalho é absolutamente essencial. Mas esta reflexão tem de ser continuada por um diálogo com os colegas, na escola e noutros espaços de trabalho. (Nóvoa, 2006, p.118)

Assim, defendo a relevância de estudar diferentes dinâmicas organizadas pelas escolas e que são potenciadoras de um estreitamento da relação entre os docentes, entre os docentes e a comunidade educativa, quer por via da oportunidade de diálogo, quer por via da apresentação e disponibilização dos trabalhos que, normalmente, ficam dentro da sala de aula. Ao longo deste trabalho, construo o argumento de que as festividades são um momento propício para fortalecer a relação e cooperação entre os professores, enquanto grupo profissional, pelo facto de trocarem experiências e saberes diferentes que convergem numa festa conjunta e com objetivos comuns. São preparadas para estes dias atividades não rotineiras, mas imbuídas de um saber transversal previamente tratado. Este esforço promoverá um dia diferente, e proporcionador de aprendizagens significativas e para além do saber académico, fazendo com que a sala de aula e os saberes de carácter disciplinar se expandam para além das suas fronteiras. Brickman e Taylor (1996) referem que “seja qual for a profissão, consegue-se normalmente melhores resultados em equipa do que trabalhando isoladamente” (p.189).

É neste sentido que a cooperação entre professores é importante não só nestes dias mas em todos os outros. Stoll (in Morgado, 2004) afirma que “o desenvolvimento da qualidade na educação solicita que os professores assumam uma postura de reflexão e investigação, uma atitude de cooperação e uma disponibilidade para a aprendizagem permanente” (p.44).

Ao trabalhar em equipa os docentes tornam-se mais confiantes e seguros, permitindo-lhes ainda inovar as suas práticas. Tal como referem Fullan e Hargreaves (in Morgado, 2004), “como consequência do desenvolvimento de formas eficazes de cooperação, teremos previsivelmente professores mais confiantes e seguros relativamente às suas capacidades, facilitando o desenvolvimento de padrões de desempenho que, provavelmente, não conseguiriam trabalhando de forma isolada” (pp.44-45). As festividades escolares, se forem fruto de um trabalho cooperativo, de raiz pedagógica e curricular, contêm em si esta potência.

Logo, qualquer atividade desenvolvida dentro da escola, que envolva o grupo docente e promova o conhecimento dos trabalhos de cada um e a construção de uma cultura de escola, poderá ser elementos relevantes na formação e construção de um perfil profissional dos professores.

Feito este breve enquadramento que clarifica a relevância de uma abordagem mais cooperativa ao trabalho docente, interessa acrescentar que desenvolvi a PES num contexto organizacional profundamente marcado pela vontade de construir uma cultura de escola clara que se vai alicerçando em oportunidades anuais de partilha e consolidação do trabalho docente. De facto, no contexto organizacional em que fiz o meu estágio de 1.º ciclo do ensino básico, a organização e vivência do dia aberto da escola revelou-se uma marca essencial da organização do trabalho docente, da relação com as crianças e suas famílias e da minha integração enquanto elemento da equipa. No

capítulo II, serão apresentadas evidências sobre estas vivências. No subtema que se segue, apresenta-se a revisão de literatura que permite enquadrar o meu estudo sobre as festividades escolares como contributo para a consolidação de dinâmicas de trabalho coletivo dos docentes e para a aprendizagem significativa dos alunos.

2.2. Festividades e cultura de escola

a) As festas e as festividades escolares: conceptualização e enquadramento Na problemática cultura de escola

As festas contribuem para a constituição de um modo de construir e difundir referências e símbolos, integrando a memória coletiva. O mesmo poderá ocorrer nas festividades escolares. As festividades escolares podem ser consideradas uma forma de intervenção pedagógica, bem como uma manifestação de cultura que promove alguns aspetos do clima escolar. Segundo Sérgio (1984):

se a escola lhe não fornece condições para genuínos actos sociais, semelhantes às que depois, adulto, encontrará, a doutrina moral resulta oca, verbalista, cadavérica e, pelo tanto, ineficaz; é de necessidades absoluta que o aluno se habitue a cooperar pelo bem de uma comunidade, e que a escola reproduza o mais possível a estrutura da vida social adulta.(p.41)

A cultura de escola não é algo que se alcança por decreto, ela é o resultado do trabalho efetuado, do ambiente humano criado e dos resultados obtidos.

A cultura de escola remete, assim, para a existência, em cada escola, de um conjunto de factores organizacionais e processos especiais específicos que relativizam a cultura escolar (enquanto expressão dos valores, hábitos, comportamentos, transmitidos pela forma escolar de educação a partir de determinações exteriores) (Barroso, 2004) e que, por isso, demonstram que não se trata de um receptáculo passivo de instruções exteriores, mas um elemento activo na sua reinterpretação e operacionalização. (Carvalho, 2006, p.6)

O sistema educativo não é neutro, ele está inserido numa determinada cultura e inclui elementos que refletem os valores da sociedade onde se insere. Nas festividades escolares, a escola mostra-se e abre-se à comunidade exterior, apresentando a sua

visibilidade. Reúnem alunos, corpo docente e não docente. Fazem-se discursos, canta-se, representa-se, apresenta-se, expõe-se, tudo com preparação prévia intensiva e dedicadamente, visando mostrar a disciplina e a excelência pedagógica da instituição e da educação nela aplicada. São estratégias importantes para tornar visível e para materializar a ação pedagógica ocorrida.

A cultura que a escola ensina é apresentada como universal e neutra, dissimulando o facto de ser um conjunto de obras tendencialmente homogéneas, produto de uma operação de selecção, reorganização e institucionalização de manifestações e conteúdos culturais diversos, plurais e contraditórios, realizado pelos grupos e fracções de classes sociais com poder simbólico e cultural. (Caria in Carvalho, 2006, p.4)

Estas nascem de um mundo alicerçado na escola e fora dela (cultura interna e cultura externa), das relações quotidianas entre as pessoas, dos sonhos e das utopias presentes no universo cultural. São momentos oportunos e privilegiados de legitimação e organização das práticas escolares, na teatralização de condutas e disseminação de valores que contribuem para criar uma cultura de escola.

Nóvoa (1992) distingue cultura interna de cultura externa de escola. Define cultura interna como um “conjunto de significados e de quadros de referência partilhados pelos membros de uma organização” e cultura externa como “variáveis culturais existentes no contexto da organização, que interferem na definição da sua própria identidade”. (p.29)

Pretende-se criar uma cultura de escola incentivando os alunos, através das práticas pedagógicas utilizadas, a participarem ativamente. As festividades procuram situar a escola no seu contexto, proporcionando relações entre a cultura interna e a cultura externa da escola. Isto permite demonstrar os valores e objetivos das escolas, fazendo chegar à sociedade a sua cultura e reflexos no clima escolar.

A educação é hoje unanimemente considerada um dos principais veículos de socialização e de promoção do desenvolvimento individual. Inserindo-se num contexto histórico, social e cultural mais amplo, os sistemas educativos acabam por ilustrar os valores que orientam a sociedade e que esta quer transmitir. É neste sentido, que se pode falar, globalmente, de uma cultura, que se cria e preserva através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade, especificamente, numa cultura escolar, isto é, num conjunto de aspetos, transversais, que caracterizam a escola como instituição. (Carvalho, 2006, p.1)

Todas as manifestações desenvolvidas no seu contexto podem ser diferentes do que é praticado no exterior, mas têm tendência a ser inseridas na norma. Contudo, se as práticas forem suficientemente institucionalizadas e fortemente lideradas e interiorizadas, podem tornar-se como uma cultura de grupo e passar a ser aceite pela comunidade. “As organizações escolares, ainda que estejam integradas num contexto cultural mais amplo, produzem uma cultura interna que lhes é própria e que exprime os valores (ou os ideais sociais) e as crenças que os membros da organização partilham” (Brunet, 1992, p.29).

A escola é uma instituição inserida em determinado contexto e como tal reflete os sentimentos do mundo que a rodeia. Enquanto organização questiona-se sobre o papel a ter numa sociedade em mudança. “É impossível continuar a exigir que a escola faça tudo, que ela cumpra um conjunto tão vasto de missões. Importa, por isso, clarificar o seu papel na aprendizagem, numa aprendizagem especificamente escolar, chamando outras instâncias (sociais, familiares, culturais, religiosas, etc.) a participarem na tarefa de educar as crianças”. (Nóvoa, 2006, p.113)

Daqui se pode depreender que o conhecimento que a sociedade tem da escola, e vice-versa, pode resultar numa partilha e comunhão de tarefas que incidam na formação/aprendizagem dos alunos.

b) As festas e a aprendizagem dos alunos

O envolvimento dos alunos de forma ativa e participada na preparação e no desenrolar das festividades escolares poderá tornar o processo de aprendizagem mais significativo. Como afirmam Good e Weinsteins (1992): “As escolas não podem continuar a centrar-se exclusivamente nas aquisições intelectuais, devendo conceder maior atenção ao desenvolvimento das capacidades emocionais, sociais e morais.” (p. 93)

Se o espaço educativo, em ambiente de festividades escolares, se tornar um ambiente de troca de saberes e construção de reflexões poderá proporcionar aos alunos um sentido de pertença cultural a um grupo e que se refletirá nas suas relações com o exterior. Aguçar-lhes-á o sentido crítico, o gosto pelo saber e aproximá-los-á da sociedade envolvente. Segundo Nóvoa (2006)

Despertar o interesse dos alunos, motivá-los para a aprendizagem, foi sempre uma das grandes questões da pedagogia. [...] Hoje, é central que coloquemos a questão do “contrato pedagógico”, que vai muito para além da motivação. Trata-se de reinstituir a Escola como um lugar central do ensino e da aprendizagem, do conhecimento e do desenvolvimento pessoal. (p.114)

Há, em relação às crianças, um sentimento mais forte de fragilidade e vulnerabilidade do que de competência. Contudo, se forem chamadas a participar, poderão ter muito a dizer e poderão surpreender os adultos com o seu saber acerca dos problemas envolventes. Good e Weinstein (1992) afirmam que, “A criação da auto-estima, as competências sociais para interagir e resolver problemas e a liderança são questões que possuem uma importância própria, para além de constituírem factores essenciais das aprendizagens escolares.” (pp. 93 e 94)

Para os alunos, as festividades poderão ser um momento de colaboração na vida da comunidade escolar, porque lhes proporcionam uma participação efetiva, quer na escolha do tema, quer na elaboração dos trabalhos. Através destas práticas poderão

desenvolver métodos de trabalho que se irão refletir em cada disciplina. Aqui utilizarão um saber transversal a toda a escolaridade, centrada no estudo de tópicos previamente definidos e no qual eles participaram e que são do seu interesse. Nóvoa (2006) afirma que nos dias que correm

sabemos que os processos de aprendizagem seguem percursos que nem sempre são lineares e que se constroem e reconstroem a partir de lógicas inesperadas e de dimensões muitas vezes imprevisíveis. Temos de abrir as nossas pedagogias às novas concepções de aprendizagem. (p.114)

O envolvimento de alunos e professores na aquisição de conhecimentos e na construção de competências motivá-los-á e ajudá-los-á no desenvolvimento pessoal. Perante esta realidade, poderão demonstrar o que aprenderam através da utilização de materiais normalmente não utilizados na prática curricular, o que lhes proporcionará aprendizagens significativas. Good e Weinstein alertam-nos para uma das causas do desinteresse dos alunos: com o passar do tempo “tornam-se intervenientes passivos nos processos escolares, fazendo apenas o que lhes é exigido. Ao alargarmos e diversificarmos o âmbito das aprendizagens, favorecemos o sucesso de grupos mais amplos de alunos.” (p.93).

Assim, se arriscará defender que a participação nas festividades escolares poderá ter um cariz formativo. Os alunos e os professores relacionar-se-ão de uma forma lúdica. A aprendizagem até então adquirida será consciencializada pela replicação de processos e imagens que eles próprios criarão, com orientação. Em ambiente de festa poder-se-á aprender e fomentar significativamente um clima de escola.

Para a sua colaboração, os alunos terão de utilizar o saber aprendido em contexto de sala de aula mas também procurar conhecimento noutras fontes, assim propõe-se que aprendam a aprender. As competências para aprender devem ser desenvolvidas de forma

sistemática, uma vez que são consideradas fundamentais na vida escolar, pessoal e mais tarde profissional. Segundo Nóvoa (2006)

Fala-se do “aprender a aprender”, das capacidades de actualização e de procura autónoma do saber, das competências informáticas e outras. Tudo isto é verdade e deve ser tido em conta. Mas estas aprendizagens não se fazem no “vazio”. Por isso, não nos devemos vergar às modas instrumentais e temos de manter uma grande atenção aos conhecimentos e às disciplinas que formam os nossos alunos.(pp. 113 e 114)

Todas as intervenções e metodologias usadas na prática docente, bem como as relações pessoais criadas na instituição, a inserção territorial e a tipologia socioeconómica dos alunos irão definir o clima de escola.

O clima de uma escola resulta do tipo de programa, dos processos utilizados, das condições ambientais que caracterizam a escola como uma instituição e como um agrupamento de alunos, dos departamentos, do pessoal e dos membros da direcção. Cada escola possui o seu clima próprio. O clima determina a qualidade de vida e a produtividade dos docentes e dos alunos. O clima é um fator crítico para a saúde e para a eficácia de uma escola. Para os seres humanos, o clima pode ser um factor de desenvolvimento. (Fox, in Brunet, 1992, p.128)

Assim, ao participar mais efetivamente na consolidação do clima e cultura da escola que frequentam, os alunos poderão ter experiências de aprendizagem mais significativas.

2.3. Opções metodológicas

As opções metodológicas e procedimentos utilizados na observação empírica e análise do problema no terreno para a realização do presente Relatório Final têm por base uma investigação qualitativa. A investigação qualitativa é considerada por Bogdan e Biklen (1994) como “um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características” (p. 16). As características da investigação qualitativa, segundo Bogdan e Biklen, são:

- Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal;
- A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números;
- Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos;
- Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva;
- O significado é de importância vital na abordagem qualitativa. (pp. 47-50)

As estratégias de recolha de dados que melhor ilustram as características acima descritas são a “observação e a entrevista” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 16).

Para analisar os dados recolhidos, através de entrevistas aos docentes (anexo 3) e textos escritos pelas crianças (anexo 4) realizei, simplifadamente, uma análise de conteúdo temática qualitativa. Esta técnica permitiu-me a recolha de indicadores que proporcionam verificar a presença de conteúdos relevantes para o tema do relatório Final. Segundo Oliveira (2008) “a análise de conteúdo permite o acesso a diversos conteúdos, explícitos ou não, presentes em um texto...” (p.570) Os principais dados recolhidos serão detalhados nos capítulos seguintes.

Na observação, como acrescentam (Bogdan e Biklen, 1994), o “investigador introduz-se no mundo das pessoas que pretende estudar, tenta conhecê-las, dar-se a conhecer e ganhar a sua confiança, elaborando um registo escrito e sistemático de tudo aquilo que ouve e observa” (p. 16). O método de observação é caracterizado segundo a forma como a observação é feita (directa ou indirectamente) e segundo a forma como o investigador se envolve no ambiente de investigação (participante ou não participante/distanciado).

Os métodos de observação direta “constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem” (Quivy e Campenhoudt, 1992, p. 197). A observação feita no período de estágio da PES foi direta, sendo que esta é assim considerada “quando se toma nota dos factos, dos gestos, dos acontecimentos, dos comportamentos, das opiniões, das acções, das realidades físicas, em suma do que se passa ou existe num dado momento numa dada situação” (Deshaies, 1997, p. 296). Foi também uma observação participante, já que esta é definida como uma “estratégia que envolve, pois, não só a observação direta mas todo um conjunto de técnicas metodológicas pressupondo um grande envolvimento do pesquisador na situação estudada” (Ludke e André, 1986, p. 28). Após a observação, o investigador irá efetuar “notas de campo” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 150), ou seja, irá realizar “uma descrição”/ “relato escrito” sobre o que observa, enfim, sobre o que “ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (idem, ibidem).

A observação direta que fui fazendo ao longo da PES permitiu-me recolher notas de campo, entradas em diários e registos fotográficos relevantes para a construção dos próximos capítulos. Na observação participante optei por solicitar às crianças, da turma onde ocorreu a minha PES, que escrevessem sobre o *dia da escola* e a importância que este teve para elas (em anexo 4 estão trinta textos). Pretendi, desta forma, recolher mais informações sobre o impacto deste dia nas crianças, quais as aprendizagens curriculares que lhes proporcionou e de que modo estas o descreviam e, supostamente, o sentiam. A turma do 3.º ano da instituição onde ocorreu a minha PES é constituída por 31 uma crianças, 19 rapazes e 12 raparigas, com idades compreendidas entre os 7 e os 9 anos. Apenas foram recolhidos 29 textos, porque duas das crianças encontravam-se em falta no dia da sua realização. Desses 29 textos apenas me foi possível tratar dados de 24 (em

alguns dos textos a caligrafia estava impercetível). Depois de uma primeira leitura dos textos a analisar, categorizei partes do mesmo. As categorias de análise foram criadas a partir de questões orientadoras deste Relatório Final:

- Relevância/ importância desta festa para as crianças;
- Aprendizagens curriculares.

Nas unidades de contexto encontram-se citações dos textos das crianças que dão respostas às categorias enunciadas, permitindo-me realizar uma breve interpretação dos dados: Quanto à relevância desta festa para as crianças, estas atribuem-lhe uma importância significativa. Em muitos dos textos apercebemo-nos do entusiasmo para o “grande dia” (aluno 2, 3 e 28) e também da satisfação por este se ter concretizado com o sucesso desejado (alunos 8, 13, 11 e 21). É notório o contentamento das crianças ao mostrar o seu trabalho e desempenho aos familiares que os visitam, e a importância que tem para elas poderem fazê-lo (alunos 7, 9 e 21). As vendas foram referidas várias vezes (alunos 16 e 17), penso que importância que lhes atribuíram deve-se ao fim destinado: angariação de fundos para as bolsas de estudo da instituição. Relativamente às aprendizagens curriculares, as crianças revelam nos seus textos atividades e trabalhos que foram realizando ao longo da preparação do *dia da escola* e respetivas exposições. É possível perceber a importância que as vendas, realizadas ao longo da festividade, tiveram para as crianças. Estas possibilitaram-lhes divertimento, mas também responsabilidade e aprendizagens curriculares, uma vez que foram os próprios a tomar conta do dinheiro e a realizar trocos sempre que necessário.

A realização de entrevistas constitui uma das técnicas de recolha de dados frequente na investigação qualitativa. A entrevista

consiste numa interacção verbal entre o entrevistador e o respondente, em situação de face a face ou por intermédio do telefone. Em geral, distingue-se entre entrevistas estruturadas, não estruturadas e semiestruturadas, em função das características do dispositivo montado para registar a informação fornecida pelo entrevistado. (Afonso, 2005, p. 97)

Segundo o mesmo autor, as entrevista estruturadas utilizam-se “em desenhos de investigação onde se pretende obter informação quantificável de um número elevado de entrevistados, com o objectivo de estabelecer frequências que permitam um tratamento estatístico posterior.” (p.98) Deste modo, é necessário garantir que o contexto da entrevista e o teor das questões se mantenham inalterados em relação a todos os entrevistados.

Quando falamos de entrevistas não estruturadas “a interacção verbal entre entrevistador e entrevistado desenvolve-se à volta de temas ou grandes questões organizadoras do discurso, sem perguntas específicas e respostas codificadas.” (p.98) O objetivo desta entrevista consiste em compreender o discurso dos entrevistados, sem impor uma categorização exterior que limite excessivamente o campo de investigação.

As entrevistas semiestruturadas “obedecem a um formato intermédio entre os dois tipos anteriores. O modelo global é o da entrevista não estruturada, mas os temas tendem a ser mais específicos.” (p.99) Ou seja, são construídos guiões de entrevista e o entrevistador e entrevistado limitam-se a segui-los.

A entrevista semiestruturada foi o tipo utilizado na recolha de dados do presente Relatório Final. Os guiões utilizados (em anexo 1 e 2) foram construídos a partir de questões de pesquisa e eixos de análise do tema de investigação.

O guião da entrevista apresentada em anexo 1 tinha como alvo o reitor da instituição e o coordenador/diretor do 1.º ciclo, mas por motivos alheios, estas não foram realizadas. O guião da entrevista apresentada em anexo 2 tinha como alvo os seis

docentes do 1.º ciclo da instituição: dois no 1.º ano, um no 2.º ano, um no 3.º ano, dois no 4.º ano. Porém, somente cinco docentes se disponibilizaram a responder: um do 1.º ano, um do 2.º ano, um do 3.º ano e dois do 4.º ano. Com estas entrevistas pretendi obter mais informação sobre a relevância do *dia da escola* para a cultura e clima desta instituição e o impacto que esta tem nas dinâmicas pedagógicas e nos processos de aprendizagens das crianças. Depois de uma primeira leitura das entrevistas a analisar, categorizei partes da mesma, que apresento em forma de tabela no anexo 3. As categorias de análise foram criadas a partir das três questões orientadoras deste Relatório Final:

- Relevância desta festa na cultura de escola
- Relevância desta festa no clima de escola
- Impactos desta festa nas dinâmicas pedagógicas e nos processos de aprendizagem das crianças

Na coluna unidade de contexto (da tabela em anexo 3) encontram-se citações das entrevistas que dão respostas às categorias apresentadas, permitindo-me apresentar uma breve interpretação dos dados: relativamente à relevância desta festa na cultura de escola todos os docentes a consideram importante uma vez que esta possibilita processos sociais partilhados pelos membros da comunidade escolar; quanto à relevância desta festa no clima de escola, afirmam que nos momentos de preparação existem variáveis físicas e humanas que se movem positivamente e em prol do mesmo fim o que contribui positivamente para um clima de escola; relativamente aos impactos desta festa nas dinâmicas pedagógicas e nos processos de aprendizagens das crianças, todos os docentes consideram que esta se relaciona completamente com as aprendizagens curriculares. É com base nas aprendizagens, dos alunos ao longo do ano,

que surgem os temas para a realização da festividade. O docente E acrescenta ainda a importância que o *dia da escola* revela nas dinâmicas diferenciadas que ocorrem nessa altura e que são proporcionadoras de aprendizagens não só curriculares mas também sociais.

Para além da técnica de observação e entrevista como instrumento de recolha de dados, utilizei também o método de análise documental. A análise documental é definida como “uma técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (Ludke e André, 1986, p. 38); esta técnica permite identificar “informações factuais nos documentos” (p. 38). Tais documentos são identificados por Phillips (in Ludke e André, 1986, p. 38) como “materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano”. Destes documentos podem ser “retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador” (Ludke e André, 1986, p. 39).

Para realizar a análise documental é necessário realizar determinados passos, tal como defendem Miles e Huberman (in Lessard-Hébert, Goyette e Boutin, 1990), sendo estes: “a redução dos dados, a sua apresentação/ organização e a interpretação/ verificação das conclusões” (p. 107). O primeiro passo consiste num processo “de selecção, de centração, de simplificação, de abstracção e de transformação do material compilado” (p. 109). Quanto à apresentação/ organização, são exigidas operações que giram à volta do conceito de tratamento de dados. O último passo consiste em atribuir “significado aos dados reduzidos e organizados através da formulação de relações ou de configurações expressas em proposições ou modelos” (p. 122).

No âmbito deste estudo, foram analisados alguns documentos formais que permitem caracterizar as dimensões organizacionais da escola em análise – o projeto educativo, o regulamento interno e projeto curricular de turma.

3. Capítulo II - Caracterização do contexto institucional e comunidade envolvente

Neste capítulo dá-se a conhecer a PES e apresenta-se e enquadra-se, organizacionalmente, o contexto onde esta ocorreu, tendo em consideração os elementos principais da instituição: população servida; os serviços educativos prestados; as características gerais dos documentos normativos que orientam o nível de ensino onde a PES foi realizada; e a estrutura organizacional.

As principais fontes usadas na construção de todo este capítulo foram: o documento orientador da PES; o projeto curricular da instituição em análise; as entrevistas realizadas a professores cooperantes; as notas de campo resultantes do período de observação participante enquanto estagiária; o dossiê de estágio elaborado ao longo da PES; e os documentos curriculares oficiais - Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a educação pré-escolar*; Ministério da Educação (2004). *Organizações curriculares e programas do 1.º ciclo do ensino básico*.

A PES é a Prática de Ensino Supervisionada, ou seja, o estágio. Segundo Pacheco (1995),

o estágio representa uma viragem significativa no processo de formação de um professor [...] a realização de um estágio como *terminus* do curso torna-se positivo porque permite a aquisição de um conhecimento prático, decorrente do contacto com a escola, com os alunos, enfim, com situações tão distantes da universidade.(p.163).

A PES decorreu no período de 3 de novembro de 2014 a 20 de fevereiro de 2015, no fim do período de formação organizado em dois ciclos: licenciatura em educação básica e mestrado em Educação Pré-escolar e ensino do 1.º CEB. Durante 4 dias por semana, ou seja, 54 dias, o que fez um total de 340 horas de

acompanhamento da turma, sendo que muitas vezes a minha participação foi além deste tempo.

O seu principal objetivo foi promover o desenvolvimento pessoal e profissional do estagiário: desenvolver a relação com os agentes educativos no contexto institucional; desenvolver a relação com as crianças/alunos; desenvolver capacidades de intervenção pedagógica; e desenvolver capacidade de registo e reflexão da ação educativa.

3.1. O contexto da Prática de Ensino Supervisionada em 1.º CEB

A instituição onde decorreu a PES é uma instituição privada situada no centro de Lisboa.

Pela observação e confirmação através de informação recolhida oralmente, consulta do portal da instituição e da documentação disponibilizada (projeto curricular da instituição), concluí que a mesma funciona com base na tradição cristã.

Enquanto desejosos de Verdade podemos apresentar-nos aos nossos alunos como estrada. Enquanto filhos queridos de Deus, podemos confiar nas coisas simples e claras, na vontade das crianças de aprender a ler e a escrever, no brilhantismo instável dos adolescentes que descobrem maravilhas e logo as confundem, no amadurecimento comovente dos que estão no Liceu e que vão descobrindo os seus talentos e como os podem usar. (Reitor, 2015, portal da instituição na internet)

A sua proposta educativa acompanha o desenvolvimento das crianças a partir dos 3 anos, passando pela infância e adolescência.

Tem as seguintes valências: Pré-Escolar, Ensino Básico (Primeiro Ciclo, Segundo Ciclo, Terceiro Ciclo), Ensino Secundário; dispõe de um Núcleo de Ensino Especial (um espaço de ensino personalizado, com professores especializados, para alunos com necessidades educativas especiais.).

A sua proposta curricular segue os normativos curriculares do Ministério da Educação para todos os níveis de ensino ministrados, procurando desenvolver práticas que conduzam a uma “formação séria, desafiante e intensa em todas as áreas”. (regulamento interno da instituição, 2011/12, p.2).

Dá prioridade ao desenvolvimento da Língua Portuguesa e da Matemática e à introdução gradual ao estudo das Ciências da Natureza e da História, em todas as valências de ensino. Dispõe, também em todos os níveis de ensino, de formação no desenvolvimento do sentido religioso e a introdução à tradição da Igreja Católica; do ensino do Inglês promovendo a comunicação global; do trabalho aprofundado nas áreas da Música, das Artes Plásticas e do Desporto; que visam proporcionar a cada aluno uma unidade de experiência das suas diversas potencialidades pessoais.

Conforme verifiquei no projeto curricular da instituição, tem como oferta de enriquecimento curricular (atividades obrigatórias, que fazem parte do horário e projeto curricular das turmas desta instituição):

- assembleia: acontece uma vez por semana, os alunos do 1.º CEB reúnem-se no anfiteatro, onde se fala sobre um tema atual, normalmente sobre circunstâncias que atravessam, vivências presentes ou matérias dadas recentemente. É apresentada por docentes, pelo padre da instituição ou por convidados. Os alunos podem colocar questões, o que raramente acontece. Segundo o projeto curricular da instituição (2011/12) “serve para verificar a verdade de toda a proposta educativa, pedagógica e curricular, convidando todos, alunos, professores e directores, a fazer um juízo pessoal sobre tudo”. (p.13);

- frase do ano: Segundo o projeto curricular da instituição (2011/12) “Todos os anos escolhemos uma frase provocadora da nossa sensibilidade e que nos desafie a

ajuizar aquilo que estamos a viver.” (p.13) A frase escolhida pela direção é escrita numa faixa que fica pendurada na instituição todo o ano;

- feira da ciência: acontece uma vez por ano, é organizada pelo 2º CEB e conta com a presença de todos os outros ciclos;

- concurso de personalidades históricas: não existe qualquer informação no projeto curricular da instituição e enquanto estagiária não ouvi falar desta atividade;

- visitas de estudo (diversas durante o ano letivo consoante as propostas dos professores) e viagens de finalistas (no final de cada ciclo e consignadas ao território português).

Tem como oferta extracurricular (atividades que não fazem parte do currículo e que acontecem em tempo extracurricular, ou seja, fora do horário escolar, mas dentro da instituição): academias (dança, teatro, música, etc.) e curso de cozinha.

Dispõe de uma vasta área composta por diversos espaços:

- salas de aula
- laboratório de ciências naturais e de físico-química;
- 4 salas de artes, sala de música,
- galeria de exposições;
- biblioteca;
- ginásio para desporto federado;
- sala de polivalente para o pré-escolar;
- capela,
- anfiteatro
- refeitório
- campos de jogos, horta, jardim.

3.2. Aspetos organizacionais da instituição

É uma instituição que dispõe de uma estrutura organizacional hierárquica apresentada no seguinte organograma:

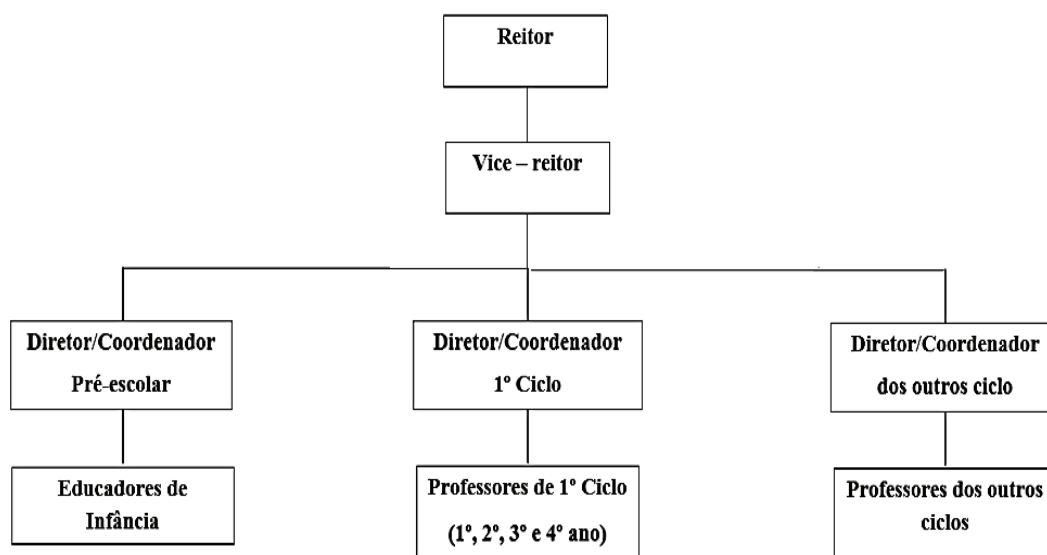


Figura 1- Organograma da instituição (fonte própria adaptada do projeto curricular da instituição)

Esta instituição é uma associação criada “por um grupo de cidadãos associados numa instituição sem fins lucrativos” (regulamento interno da instituição, 2011/12, p. 1). Tem duas escolas sendo que a escola onde não estagiei, e que não conheço, só tem as valências de pré-escolar e 1.º ciclo. A estrutura hierárquica é comum para ambas: o reitor e vice-reitor são os mesmos, os diretores/coordenadores assim como os docentes fazem parte do corpo profissional de cada uma das escolas.

Sendo uma estrutura rígida, reflete-se na ação formal dos colaboradores. Nada acontece sem previamente se dar conta aos sucessivos membros da estrutura hierárquica. Todo o trabalho desenvolvido em cada uma das escolas da instituição é discutido e acordado semanalmente pelos diretores/coordenadores, educadores e professores, sempre com a presença do reitor. Embora os professores sejam autónomos nas estratégias

utilizadas em sala de aula, toda a programação curricular é calendarizada previamente e aprovada pela hierarquia. Isto permite que haja sintonia entre as duas escolas.

Propõe-se a ser uma comunidade educativa cujos profissionais (pessoal docente: Educadores de Infância e Professores dos Ensino Básico e Secundário; e pessoal não docente) assumem a responsabilidade de acompanhar e guiar as crianças e os jovens no caminho do seu desenvolvimento total como pessoas.

Segundo os seus princípios orientadores, todos os educadores/professores são chamados a ter uma formação contínua. A família assume a responsabilidade de colaborar ativamente na formação das crianças. Aos alunos, favorecem o uso da liberdade e da razão para aderir a tudo o que é *bom, belo e justo*.

De acordo com os seus documentos de enquadramento, mas sem ter tido acesso a dados quantitativos, pude constatar que esta instituição propõe-se responder a necessidades específicas de três grupos:

- crianças de classes média alta que escolhem a abordagem pedagógica apresentada pelo estabelecimento de ensino, em busca de resultados académicos de qualidade, que se identificam com os valores cristãos/católicos apresentados pela instituição (público alvo);
- crianças de classes média alta, com problemas de desenvolvimento e aprendizagem, devido a deficiência motora ou mental ligeira ou moderada (alunos que implicam um custo financeiro suplementar devido às necessidades de pessoal, instalações e material necessário a um atendimento real das suas dificuldades);

- crianças bolsseiras que pertencem a um estrato social baixo sem possibilidade de suportar o custo das propinas de frequência, mas que são parcial ou totalmente suportado por bolsas de estudo da instituição.

Porque acreditam que o contacto com a diferença e a integração de alunos em circunstâncias de vida variadas tem um valor inegável, sendo uma mais-valia para a sua comunidade educativa, esforçam-se e não desistem de atender estes casos. Este é um dos elementos identificados nos documentos como sendo definidor da cultura da instituição.

A existência de bolsas de estudo é motivo de orgulho e realização por parte de toda a instituição, o que vai ao encontro da missão com que se caracteriza. “A promoção e o desenvolvimento de acções destinadas ao incentivo e ao apoio educativo-pedagógico a crianças e jovens provenientes de meio social e culturalmente carenciados de excelência.” (regulamento interno, 2011/12, p.1). Estas destinam-se a complementar ou a pagar na íntegra as mensalidades de alunos carenciados.

Há cada vez mais alunos que abandonam a escola privados de tudo: sem um mínimo de conhecimento e de cultura, sem o domínio das regras básicas da comunicação e da ciência, sem qualquer qualificação profissional.

Contrariamente às suas intenções igualitaristas, a Escola, continua, tantas vezes, a deixar os frágeis ainda mais frágeis e os pobres ainda mais pobres. (Nóvoa, 2006, p.112)

Conciliando a localização da instituição, numa zona residencial que inclui um bairro social de realojamento, com o princípio de educação de qualidade para todos, esta instituição, acolhe bolsseiros provenientes desse bairro. Desta forma, estes alunos estão a ter acesso a uma *educação de excelência* que lhes permitirá contribuir para o seu futuro e para o futuro do país, enquanto já são protagonistas de uma integração social benéfica para todos.

Na esteira da grande tradição educativa cristã, verificam que a diversidade cultural e de proveniência socioeconómica é uma vantagem para a educação de todos. Acreditam que a atribuição de bolsas de estudo a alunos que, naturalmente, não poderiam frequentar uma escola privada, exigente e de qualidade, é fundamental no combate à exclusão social a curto e longo prazo, e contribuirá positivamente para a cultura e clima de escola. Segundo Nóvoa (1992) “O funcionamento de uma organização escolar é fruto de um compromisso entre a estrutura formal e as interações que se produzem no seu seio, nomeadamente entre grupos com interesses distintos” (p. 25).

3.3. Objeto de estudo em análise

O tema deste Relatório Final emergiu da vivência de uma festividade escolar ocorrida na instituição descrita e com participação da turma com que estagiei, durante o período da PES. Esta festividade, *o dia da escola*, ocorre anualmente e tem como principal objetivo dar a conhecer a experiência que se vive diariamente na instituição. Mais do que um resumo do trabalho académico, é uma reflexão sobre o modo de estar e os modelos pedagógicos usados na instituição. É o momento em que apresentam às famílias, e a todos os que os visitam, a missão e os valores da instituição.

A programação do *dia da escola* é planeada, previamente, por todos os professores de cada ciclo de ensino (em anexo 3, docente A) tendo como pressupostos os seguintes elementos: definição da data, o tema, abordagem de cada turma ao tema, estratégias de envolvimento dos alunos, planificação das tarefas a realizar.

Nesta instituição a definição da data está relacionada com o dia da instituição previamente definido. Trata-se do dia do patrono da instituição.

O tema é decidido pela direção do colégio (reitora, vice-reitora, diretores/coordenadores) abrangente a toda a comunidade institucional, e este ano, incidiu sobre uma experiência científica com impacto universal. Deixaram-se desafiar pela aventura da sonda espacial Rosetta. Esta foi lançada no ano de abertura da instituição, e conseguiu este passado Agosto “aterrar” num cometa, e começar o ano a recolher dados sobre a formação do universo, que irá proporcionar mais conhecimento. Estabeleceram um paralelismo entre a missão Rosseta e a missão da instituição. Porque a escola está dia após dia a adquirir conhecimentos que utiliza na formação dos alunos.

A cultura de escola torna-se evidente nesta instituição quando valoriza a participação e interação dos alunos em atividades. Estes não decidem o tema, mas são incentivados a procurarem a forma de expressarem o que pretendem mostrar, a trabalhar em equipa, a sedimentarem os conhecimentos académicos, e a valorizar o outro, porque o trabalho é conjunto e visa uma exposição que será vista pelos familiares e amigos. Pelo que observei, o contentamento das crianças pelos resultados finais e pelo retorno de opiniões (alunos 6, 8, 11, 13, 19 e 21 em anexo 4), fá-los compreender que através da sua ação podem tornar-se cidadãos ativos em prol dos outros. Como já foi referido no capítulo I, a cultura de escola contempla um conjunto de fatores que possibilitam o desenvolvimento educativo e cívico dos alunos. Quanto se valoriza o trabalho e o respeito mútuo está-se a inculcar estes valores, podendo considerá-los como cultura desta instituição.

Cada ano de escolaridade fez a inserção do tema na sua planificação anual correspondente, desenvolvendo vários trabalhos que integraram e recriaram o ambiente das suas salas de aula. Ao participarem nestes momentos, as crianças estão a aprender a criar, a transformar, a participar em estratégias de organização e a desenvolver importantes capacidades de adaptação a novas situações.

Pelo observado, posso afirmar que esta festividade encoraja ao desenvolvimento pessoal dando valor à exposição de conteúdos académicos. Através de teatros, danças, da feira da ciência, dos debates e das exposições, os alunos são chamados a mostrar o valor e o rigor da sua aprendizagem, enriquecendo assim a sua capacidade de comunicação e de argumentação. Estes momentos são um reflexo de todo o seu trabalho e esforço, mas também da boa disposição e cooperação que se desenvolve em toda a instituição entre todos os elementos ao longo do ano.



Figura 2 - Teatro realizado no *dia da escola* (fonte própria)

Segundo Brunet (1992),

A função de controlo é exercida por todos os níveis da escala hierárquica, graças a uma grande implicação e a um elevado sentido das responsabilidades. Frequentemente, há uma coincidência entre as organizações formais e informais. Em suma, todos os membros unem os seus esforços para atingir os fins e os objectivos da organização. (p.131)

O sucesso desta festividade escolar, pelo que observei, também é resultado das características da organização da instituição: o tipo de estrutura administrativa (gestão, direção, controlo, inspeção, tomada de decisão, pessoal docente, pessoal auxiliar, participação das comunidades...); o tipo de estrutura física (dimensão e localização da instituição, recursos materiais, organização dos espaços...); e o tipo de estrutura social

(relação entre alunos, professores e funcionários, cultura organizacional da escola, clima social da escola...).

Todo o ambiente de festividade acima descrito pressupõe uma cultura e clima de escola favorável ao desenvolvimento dos alunos como cidadãos e não de elementos passivos que só recebem o que lhes é transmitido através do programa.

3.4. Considerando documentos curriculares para o 1.º CEB

Para a elaboração do Relatório Final consulte também documentos oficiais, abaixo indicados:

- Lei n.º 46/86 de 14 de outubro/lei de bases do sistema educativo;
- Decreto-Lei N.º 329/1998 de 2 de novembro;
- Decreto-Lei N.º 6/2001 de 18 de janeiro e declaração de rectificação n.º 4-A/2001 28 de fevereiro;
- Decreto-Lei N.º 209/2002 de 17 de outubro;
- Constituição da República Portuguesa, capítulo III, artigo 73.º.

Todos os documentos citam a universalidade da educação, sendo explícito que a escola pública é laica, não pode ter preferências religiosas ou políticas. O mesmo não se aplica às escolas privadas. O papel do estado relativo às escolas privadas é a de mero fiscalizador, dando total liberdade às suas orientações religiosas. A escola onde ocorreu a minha PES, o fator religioso é bem evidente, e tido como uma preferência no momento de escolha por parte do público-alvo.

Todas as escolas, independentemente de serem públicas ou privadas, devem preservar a área de formação pessoal e social que “corresponde a um processo que deverá favorecer, de acordo com as fases do desenvolvimento, a aquisição de espírito

crítico e a interiorização de valores espirituais, estéticos, morais e cívicos.” (Ministério da Educação, orientações curriculares para a educação pré-escolar, 1997, p.51)

Do mesmo modo devem seguir os documentos oficiais e garantir aos alunos o desenvolvimento de “atitudes e valores relacionados com a responsabilidade, tolerância, solidariedade, cooperação, respeito pelas diferenças...” (Ministério da Educação, organização curricular e programas para o 1.º ciclo, 2004, p.110), independentemente das suas preferências culturais.

Todos os valores acima enunciados são prática corrente na instituição onde ocorreu a PES. Posso afirmar isto pela minha observação e pelas entrevistas feitas por escrito aos docentes (em anexo 3). Nestas, evidenciaram a satisfação pelas manifestações de empenho das crianças ao longo da preparação e execução do *dia da escola*.

Apesar da proveniência socio cultural dos bolsеiros estar nos antípodas dos alunos “normais”, este fator não se faz sentir nesta instituição. Não há qualquer diferenciação entre eles, por parte dos professores e dos próprios. Sei que esta realidade não é comum a todas as instituições de ensino, mas nesta instituição é tida como um valor e está escrito no regulamento interno da instituição “promoção e desenvolvimento de acções destinadas ao incentivo e ao apoio educativo-pedagógico a crianças e jovens provenientes de meios social e culturalmente carenciados de excelência” (regulamento interno, 2012/13, p.1).

Quando no preâmbulo do Decreto-Lei n.º 6/2001 se diz que,

O Programa do Governo assume como objectivo estratégico a garantia de uma educação de base para todos, entendendo-a como início de um processo de educação e formação ao longo da vida, objectivo que implica conceber uma particular atenção às situações de exclusão e desenvolver um trabalho de

clarificação de exigências quanto às aprendizagens cruciais e aos modos como as mesmas se processam (p. 260)

Julgo que poderá ser entendido, que a educação não é só uma aplicação da organização curricular e programas, mas também o conjunto de iniciativas que motivam e preparam os alunos para uma aprendizagem ao longo da vida.

Nas entrevistas (em anexo 3) elaboradas aos docentes da instituição, estes afirmam ainda que as aprendizagens curriculares previstas para os seus alunos, não só são cumpridas, como são “o ponto de partida” (docente B) para o dia anual da instituição. Como o entusiasmo das crianças, por este dia e sabendo antecipadamente que o tema vai sempre ser trabalhado em função daquilo que aprenderam, sentem-se muito preocupados em assimilarem os conhecimentos. Tem também interiorizado que os familiares e amigos vão ver o resultado dessas aprendizagens.

Deste modo e tendo em consideração todo o capítulo, posso afirmar que a festividade em análise cumpre e vai ao encontro, dos documentos curriculares para o 1.º ciclo.

4. Capítulo III - A Prática de Ensino Supervisionada (PES) na Instituição

Neste capítulo, relatam-se, contextualizam-se e analisam-se as atividades e intervenções realizadas a partir do objeto de estudo: *As festas como manifestação de cultura e clima de escola*.

Apresenta-se a PES justificando a sua importância e relevância nesta fase final. Os aspetos gerais que a constituíram, com recurso a observações, notas de campo e registos efetuados ao longo da mesma, bem como o dia da festividade em questão. É também neste capítulo que revelo:

- Qual a relevância desta festa na cultura interna e externa da escola?
- Qual a relevância desta festa no clima da escola?
- Qual o impacto desta festa nas dinâmicas pedagógicas e nos processos de aprendizagens da turma em análise?

Por fim, faço uma breve conclusão, onde descrevo as marcas que este dia teve para mim, em termos pessoais e como futura profissional, e de que forma influenciou a minha relação com toda a instituição.

4.1. A Prática de Ensino Supervisionada (PES)

A PES permite estar em contacto com a realidade educativa do local onde decorre. A observação direta com o dia-a-dia de uma escola é de extrema importância na formação inicial de professores, porque passamos da fase de aprendizagem de conteúdos à fase da aprendizagem prática e do efetivo desenvolvimento de competências pedagógicas. É para o professor uma fase de aprendizagem em campo e com os outros, como afirma Cabral (2001):

Compete hoje à escola, mais do que a qualquer outra instituição, construir os alicerces do mundo do futuro. Todos nós sabemos que se aprende fazendo num contexto social. É assim que aprendemos a falar, a andar, a relacionarmo-nos com outros seres, com o mundo e com nós próprios, é assim que se aprende a ler e a escrever e é assim que se deveria aprender a história: fazendo-a. (p.9).

O conhecimento não se pode basear somente na teoria e nas conclusões desenvolvidas por outros. A prática do estágio profissional fornece uma perspectiva concreta e pessoal, visto ser realizada em contexto social real. Esta situação permite perceber a sua realidade e acumular inúmeras experiências que serão, certamente, objeto de reflexão e aplicação quando estivermos inseridos como profissionais num contexto de verdadeira sala de aula. Tal como defendem Alonso & Roldão (2005):

[...] é no terreno que o professor tem a oportunidade única, e de grande utilidade para a sua formação, de se confrontar com o real, de reflectir sobre essa realidade, de comunicar experiências e, sobretudo, saber que a aprendizagem de um professor nunca termina (p.36).

No percurso académico, era obrigatória a realização de estágios em diferentes escolas, logo com realidades diversas. Essa prática deu-me uma abrangência de conhecimentos e práticas variadas. A observação direta revelou-se fundamental, porque permitiu, enquanto futura docente, que pudesse vivenciar experiências de modo a crescer interiormente e a criar a base do profissionalismo. Segundo Nóvoa (1991)

[...] não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente e de identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (p.21).

Perante a observação de atitudes diferenciadas pelos diferentes professores cooperantes e alunos, verifiquei que o cumprimento do currículo pode conter metodologias diferentes. Levando-me a refletir sobre o modo como cada um absorve e trata os conhecimentos que lhes foram transmitidos ao longo da vida académica. Percebi que a prática da docência exige uma atenção permanente e termos presente que o nosso

papel é focar-nos sempre na construção do indivíduo a quem transmitimos conhecimento. A possibilidade de usar diferentes abordagens levar-me-á a ter uma postura não de mera transmissora de conhecimento, mas de incentivadora à reflexão e crítica das crianças com quem trabalharei.

4.2. Aspetos gerais da PES: a sala de aula e o ambiente educativo

Nas primeiras semanas de estágio foi-me dado a conhecer o horário da turma que, posteriormente, pratiquei. Constatei a existência de várias atividades que ocorrem diariamente, designadas de rotinas e que são defendidas por diversos autores. Segundo Domingues (in Neto, 2003) “As rotinas são comportamentos padronizados que se repetem com frequência”. (p.208). Zabalza (1998) afirma que as rotinas possuem um papel fundamental na fase de definição de contexto educativo, pois estas “[...] atuam como as organizadoras estruturais das experiências quotidianas”, uma vez que clarificam as vivências e permitem o “domínio do processo a ser seguido” (p.52). Hohmann & Weikart (2004) acrescentam que as rotinas diárias ajudam as crianças a perceber o que se vai passar, “oferece-lhes uma sequência de acontecimentos que elas podem seguir e compreender.” (p.224)

Os diferentes investigadores reforçam a importância das rotinas através das experiências, acontecimentos, atividades que permitem às crianças vivências, padrões adaptativos, confiança, segurança e aprendizagens. Ou seja, a criança não deve ser normalmente sujeita a improvisos, especialmente no contexto de instituições de educação.

Foi partindo dos registos efetuados na observação e participação das rotinas que fui conhecendo a turma, cada criança individualmente e o ambiente educativo.

É um grupo bastante interessado e empenhado, são participativos, colocam, esporadicamente, dúvidas e questões, dão sugestões e relatam experiências vividas, quando lhes é dada oportunidade.

Pude concluir que o ambiente educativo é bastante adequado: a sala de aula é grande e composta por elementos essenciais: mesas e cadeiras adequadas às idades e tamanho das crianças; a professora ocupa uma secretária localizada no espaço lateral e de frente para a turma; o quadro é centrado de frente para os alunos; quanto à iluminação, possui janelas com a entrada de luz natural colocadas do lado direito e por trás relativamente à turma (planta da sala em anexo 5); que garantem o conforto e bem-estar das crianças.

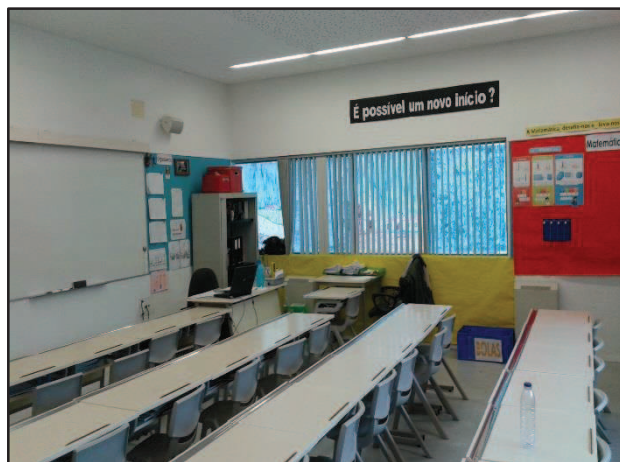


Figura 3 – Sala de aula (fonte própria)

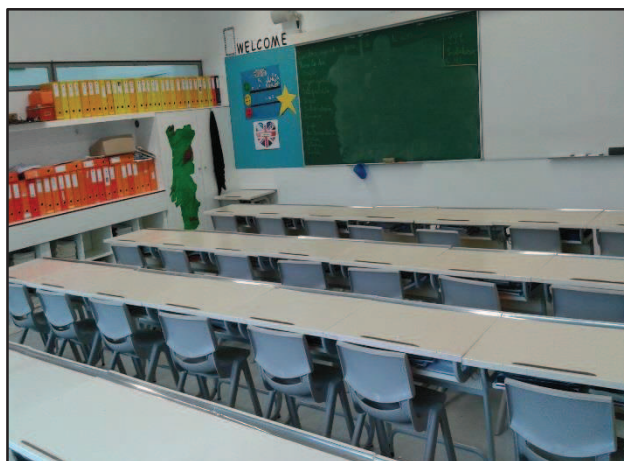


Figura 4 – Sala de aula (fonte própria)

O discurso da professora é apropriado e claro. Também as crianças, de um modo geral, usam um discurso adequado e são respeitadores, quando existe um comportamento impróprio/inadequado, a professora reúne todos os alunos e tem uma conversa com todos, tentando transmitir a importância de comportamentos corretos.

A professora empenha-se, cumprindo as diretivas pré-estabelecidas pela cultura da instituição, usando variadas estratégias pedagógicas por si decididas que visem proporcionar aprendizagens significativas. Todas as atividades a que pude assistir foram ao encontro das necessidades da turma e de contextualizadas com a organização curricular e o programa do 1.º ciclo.

As abordagens pedagógicas são tradicionais. Os processos de ensino-aprendizagem na sala são maioritariamente transmissivos. O conhecimento é pertença do professor que sabe e os alunos são recipientes desse saber, como afirma Tonucci (1986) “O princípio da igualdade leva à formação de turmas homogêneas por idades (na hipótese de que as crianças com a mesma idade sejam iguais entre si)” continua afirmando que “o professor, que sabe, explica aos alunos, que não sabem, coisas novas.” O mesmo autor defende que “a escola transmissiva considera que todos os alunos são “iguais”: a criança não sabe, nenhuma sabe e todas são iguais porque iguais a zero.”

(p.170). Quanto à apresentação da matéria, o mesmo autor afirma “O esquema cognitivo que regula a sucessão de lições é o indicado no terceiro pressuposto¹: apresentar uma disciplina de uma forma ordenada, partindo dos seus elementos mais simples, encaminhando-se gradualmente para os mais complexos” (p.170).

Utiliza sempre os manuais escolares elaborados e editados pela própria instituição. Segundo Pacheco (1995), o manual escolar funciona como material de trabalho, tanto para professores como para alunos, na medida em que, para os primeiros, serve “como guia e fonte de estudo”; para os segundos é “fonte de conhecimento e de selecção de actividades” (p. 183). Contudo, este material não deve ser utilizado frequentemente, pois, como refere Caldeira (2009), o processo de ensino-aprendizagem é influenciado por diversas variáveis, e quanto melhores estas forem, melhor será este processo:

[...] a acção educativa orientada pelo educador(a) e/ou professor(a) com um determinado objectivo, o papel que os materiais desempenham como ferramentas; um ambiente rico em recursos e estratégias diversificadas; a experimentação-manipulação que provocam a emergência e a formação de capacidades perceptivas, representativas e conceptuais. (p. 12)

Embora o manual escolar não deva ser utilizado regularmente pelos motivos descritos em cima, este também tem as suas potencialidades. São seis, as mencionadas por Cabral (2005):

- i) captar a atenção dos alunos;
- ii) activar o conhecimento prévio relacionado com o tema;
- iii) diferenciar a informação importante da irrelevante;
- iv) comprovar/ avaliar o aprendido;
- v) favorecer a recordação;
- vi) favorecer o controlo da compreensão. (p. 74)

¹ “3 - A inteligência é um vazio que se enche progressivamente o pela sobreposição de conhecimentos.”

Desta forma, é relevante concluir que o manual pode e deve ser usado como uma ferramenta, mas esta prática deve ser intervalada com outras estratégias, para que estas sejam diversificadas e o ambiente seja rico em recursos.

A organização do trabalho realizado pelos alunos em sala de aula é maioritariamente e quase unicamente individual. Em muitas das minhas intervenções e atividades propus o trabalho em grupo, porque considero que este proporciona ganhos aos alunos e dá-lhes a possibilidade de realizar aprendizagens cooperativas, provocando um “confronto de pensamento entre pares e pequenos grupos” (Alarcão, 1996, p. 76). Estes trabalhos permitem que os alunos desenvolvam alguns valores, atitudes, capacidades e destrezas. Como afirmam Ponte e Serrazina (2000), no trabalho de grupo propõe-se que os alunos “exponham as suas ideias, ouçam os seus colegas, coloquem questões, discutam estratégias e soluções, argumentem e critiquem outros argumentos” (p.28). Para além do referido, Ponte e Serrazina (2000) continuam dizendo, que nos trabalhos em grupos torna-se mais fácil os alunos arriscarem “os seus pontos de vista, avançar com as suas descobertas e exprimirem o seu pensamento” (p. 128). Os alunos, ao fazerem-no, estão a “explicar uns aos outros a maneira como resolvem um problema”, estando assim a “clarificar as suas ideias para si próprios e para os outros” (Alarcão, 1996, p. 76). Perante este método, verifiquei que, apesar de existirem alguns conflitos entre elementos do mesmo grupo, os alunos foram sempre capazes de resolver entre si as discordâncias e trabalhar em equipa, mesmo não estando habituados a fazê-lo. Segundo Arends (1995), o trabalho de grupo “minimiza tanto a distância emocional como física entre os participantes” (p. 428) contribuindo deste modo para um clima de escola.

Considero como aspeto positivo referir o facto de ter observado, algumas vezes, a professora a incentivar os alunos a participarem na discussão e colocação de questões sobre as matérias. Muitos não o faziam pelo medo de errar, ao que a professora esclarecia que

errar faz parte da aprendizagem e que a participação é um fator importante. Deste modo, valoriza a gestão do erro e faz um reforço positivo aos alunos. Para Pacheco (1995), o aluno deve ser protagonista no processo de ensino-aprendizagem, de forma a desenvolver “as suas operações cognitivas na base da compreensão e não da memorização mecânica e repetitiva” (p. 198). Esta opinião sobre a participação do aluno no seu próprio processo de aprendizagem completa-se com outros dois princípios “valorização do erro na aprendizagem e utilização do reforço” (p. 198), princípios estes que devem ser salientados constantemente e não apenas algumas vezes. Como esclarecido pelo mesmo autor, a valorização do erro prende-se com a visão de que este é um “factor de uma motivação intrínseca para a aprendizagem, uma etapa, natural e compreensiva, na aprendizagem do aluno” (p. 200). O reforço, segundo o mesmo autor, relaciona-se com a valorização da aprendizagem e inclusive com a valorização do erro, procurando através dele “criar incentivos e apoios” (p. 201).

Ao longo da PES fui observando a postura da professora perante os alunos, o que me levou a considerar pertinente nesta fase refletir sobre os estilos de liderança de um professor durante as suas intervenções

De acordo com um estudo realizado por Maya (2000), o professor pode ter três estilos de liderança: o estilo autoritário, o estilo democrático e o estilo permissivo. O estilo autoritário caracteriza-se pela “imposição de processos de decisão tomados unilateralmente por parte de quem tem o estatuto e o poder para o fazer, esperando a obediência por parte dos subordinados” (p.21). O estilo democrático define-se por “tomadas de decisão baseadas no diálogo e na negociação com os intervenientes num determinado processo. O líder indica as grandes linhas da actividade, distribui responsabilidades e tem em conta as preferências pessoais” (p.21). O estilo permissivo distingue-se pela “delegação da função de liderança, permitindo que seja o grupo a

impor as suas decisões. O líder não intervém e abstém-se de fazer qualquer sugestão, bem como de censurar ou elogiar” (p.21).

Ao longo das minhas intervenções pude pôr em prática as minhas capacidades de liderança e tentei que as mesmas se identificassem com estilo democrático. Considero que perante este modelo de comunicação as crianças são mais envolvidas e participativas no processo de aprendizagens. Abreu e Masetto (1990) afirmam que “é o modo de agir do professor em sala de aula” que contribui para “uma adequada aprendizagem dos alunos” (p. 115). Elas sentem-se como o alvo de todo o trabalho mas sem coação e sabendo que podem sempre questionar o professor. No entanto, o professor nunca deve abdicar da sua autoridade. Este tem que ser firme, embora isso não implique desvalorizar ou desprestigiar o aluno. Segundo Freire (1996), o professor não pode permitir que “a afetividade interfira no cumprimento ético do seu dever de docente e no exercício da sua autoridade” (pp. 159-160). Ao professor compete sempre convocar o grupo às responsabilidades assumidas. Este princípio tem de estar consciencializado por todos e nunca pode ser confundido ou misturado com os estilos autoritário e permissivo.

Pelas observações, intervenções e reflexões realizadas e descritas, constatei que nesta instituição e nesta turma era patente a existência de uma cultura e clima de escola bastante favorável à participação da comunidade escolar. Esta participação foi bastante evidente em momentos especiais como a realização do *dia da escola*, apresentada no ponto seguinte.

4.3. A festividade anual da instituição

No decorrer do estágio, participei e realizei diversas atividades em todas as áreas de aprendizagem. Algumas das atividades eram propostas por mim, não só nos dias que estavam previamente marcados, como no decorrer do horário semanal da turma.

Quando isto sucedia era sempre na sequência de propostas feitas pela professora cooperante, que sempre me apoiou e incentivou durante todo o tempo. Sempre mostrei disponibilidade e interesse em participar em todas as áreas afetas à turma, talvez por isso fui sendo solicitada a colaborar ativa e autonomamente em diversas fases do percurso letivo. Por deferência, certamente, mas também pelo apreço pelo meu trabalho (comunicado oralmente em diversas alturas ao longo da PES) fui convidada a participar com ideias e práticas na festividade anual da comemoração do dia da instituição.

Ao perceber que as festividades são muito participadas por toda a comunidade escolar, o que contribui para a cultura e clima de escola, aproveitei esta ideia para fazer dela o tema do Relatório Final: *As festas como manifestação de cultura e clima de escola*. E com este objetivo, comecei a direcionar a minha intervenção no sentido de satisfazer a instituição e simultaneamente adquirir elementos que me permitissem extrair dados relevantes que fossem ao encontro do objeto de estudo.

Particpei, colaborei e interfeiri ativamente, em conjunto com a professora titular e todos os restantes membros da instituição, em todos os momentos de elaboração e execução da planificação da festividade em questão.

A planificação do trabalho da turma para a festividade *do dia da escola* (em anexo 6) foi elaborada pela professora e por mim com a colaboração e participação dos alunos e posteriormente aprovada pela coordenadora do primeiro ciclo e reitora da instituição. As figuras 3, 4 e 5 abaixo demonstram alguns desses momentos, assim como os textos elaborados pelas crianças, especificamente em três dos trinta textos realizados (em anexo 4).



Figura 5 - Elaboração de materiais para exposição (fonte professora titular de turma)



Figura 6 – Ensaios no anfiteatro (fonte própria)



Figura 7 - Ensaios para o teatro (fonte própria)

Após todos os preparativos chegou o grande dia. O dia decorreu como previsto, as salas, corredores, todo o colégio estavam preparadas para receber todos os que a visitassem. Os professores, os alunos, e eu, sentíamos um grande orgulho pelo resultado final. Neste dia fui felicitada por alguns visitantes e familiares das crianças, pelo

trabalho desenvolvido. No livro de honra criado por mim com o fim de nele serem registados os comentários dos visitantes, presente na entrada na sala de aula no dia da festividade, constavam mensagens positivas relativas à nossa prestação. A existência deste livro tinha por objetivo recolher dados relativos às diferentes opiniões que seriam analisadas e transcritas para este Relatório. No entanto, o mesmo não cumpriu o objetivo a que nos tínhamos proposto e por isso não se encontra presente neste Relatório. Serviu o mesmo para equacionar as opções que se tem na escolha dos elementos de recolha de dados a usas. Uma boa ideia não resulta naturalmente em bons resultados.

Na *nossa sala* de aula, decorada a rigor, ao longo do dia aconteceram exposições de conteúdos académicos, vendas e degustação de produtos típicos das regiões de Portugal (como podemos observar nas figuras 9 e 10). A *nossa turma* também apresentou um teatro no anfiteatro da instituição (figura 8).



Figura 8 – Teatro (fonte própria)



Figura 9 – Vendas e degustação de produtos típicos das regiões de Portugal

(fonte própria)



Figura 10 – Exposição de trabalhos (fonte própria)

Nos subtemas que se seguem dou resposta ao problema de investigação do objeto de estudo deste Relatório Final, respondendo a três perguntas inicialmente feitas na introdução deste trabalho e enquadradas pela revisão de literatura desenvolvida no capítulo I. As principais referências usadas para a sua construção foram a análise de documentos da instituição; as entrevistas realizadas aos docentes do 1.º ciclo da instituição onde realizei a PES (em anexo 3); textos livres sobre o dia da festividade elaborados pelos alunos da turma em análise (em anexo 4) registos fotográficos feitos ao longo das preparações e execução da festividade. Foi também elaborado um guião de uma entrevista (em anexo 1) dirigida ao reitor do colégio e ao director/coordenador do 1.º CEB, mas por motivos alheios, estas entrevistas não foram realizadas.

a) Relevância desta festa na cultura interna e externa da escola

Para a organização da festividade em questão, pressupõe-se uma planificação (em anexo 6), organizada pelo corpo docente, mas que possibilita a ação, a pesquisa e a crítica por parte dos seus atores principais – os alunos. Propõe-se que os alunos façam uso do saber e dos valores que lhes foram transmitidos pela instituição ao longo do tempo (cultura interna), mas podem e devem ir, através dos seus interesses e reflexões que o saber aprendido lhes suscitou, obter ou complementar o conhecimento fora do espaço escolar (cultura externa), sobre o ato que estão a realizar.

Na turma onde trabalhei, o tema de sala de aula, escolhido pela professora titular de turma, foi as regiões de Portugal – tema que corresponde nesta instituição a uma unidade temática integrada na área curricular disciplinar Estudo do Meio. Apesar deste tema ser parte do programa de Estudo do Meio no Bloco 4 – à descoberta das inter-relações entre espaços, para o 4.º ano – Localizar no mapa de Portugal, nesta instituição esta parte do programa é lecionada no 3.º ano. Tal como já foi referido no capítulo anterior, este tema fora trabalhado ao longo do primeiro período. A cultura desta instituição e a hierarquia organizacional definem previamente o tema do *dia da escola*. O professor ao longo do ano cumpre um plano curricular previamente estabelecido pela instituição. Somente para a comemoração deste dia é-lhe dado a possibilidade de escolher o tema e metodologia de exposição. Contudo, o tema tem de estar inserido na matéria já dada até à data. Neste momento o professor é mais autónomo e pode implementar ou reforçar estratégias que reforcem o ambiente educativo.

As tarefas exigidas para a realização do *dia da escola*, alteram naturalmente as práticas e as relações de trabalho praticadas habitualmente. A recuperação, modificação e construção de materiais foi sendo realizada pelos alunos, pela professora e por mim ao longo dos dias, sem interrupção da atividade letiva. Para isso instituiu-se um sistema de

rotatividade, ou seja, os alunos iam sendo chamados em pequenos grupos ou individualmente para elaborar alguma tarefa, em simultâneo, os restantes elementos continuavam a trabalhar na sala de aula, em matérias do planeamento curricular, ou em trabalhos para exposição e vice-versa. Esta dinâmica permitiu uma diversificação de estratégias que se foram experimentando ao longo da realização dos trabalhos: realização de trabalhos coletivos, em que todos trabalhavam para o mesmo fim, o que aconteceu por exemplo na elaboração das flores de amendoeira (figura 9); realização de trabalhos individuais, elaboravam problemas de matemática para expor (figura 10); realização de trabalhos em pequenos grupos, como aconteceu quando pintámos as janelas da sala (figura 11). Este trabalho em equipa contribui para fortalecer as relações pedagógicas entre todos os participantes. Como já foi referido anteriormente, este permite aos alunos expor as suas ideias, ouvir as ideias dos colegas, colocar questões, discutir estratégias e soluções, tornando-os reflexivos.



Figura 11 – Trabalhos coletivos (fonte professora titular de turma)



Figura 12 – Trabalhos em pequenos grupos (fonte própria)

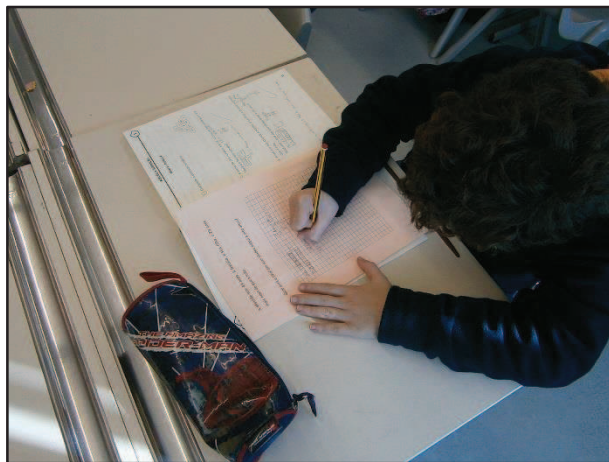


Figura 13 – Trabalhos individuais (fonte própria)

Estes dias foram promotores de estratégias pedagógicas e atividades que normalmente não acontecem e que trazem mais-valia para os alunos e para a instituição. O conhecimento que cada um traz para o grupo, a colaboração entre todos, a troca de saberes, o incentivo à iniciativa, tudo para um trabalho comum, tornam mais sólidas, fortes e dá um sentido de pertença a um grupo. Isto é um fator que se refletirá na cultura da escola.

b) Relevância desta festa no clima da escola

O tema escolhido para a sala de aula foi anunciado à turma pela professora, e estabeleceu-se um diálogo com os alunos. Neste momento, surgiram as primeiras sugestões (dadas pela professora) e aceites pelos alunos, que também colaboraram com

ideias interessantes e aceites. A participação dos alunos na apresentação de ideias e na tomada de decisões, não acontece normalmente em sala de aula. Neste momento a criança é tida como um ser com conhecimento e é *aliciada* a fazer uso do mesmo para alcançar os objetivos propostos para a realização do grande dia. Temos na elaboração destes trabalhos, o único momento em que a escola se torna construtiva. Segundo Tonucci (1986) “a criança sabe e vem para a escola para reflectir sobre os seus conhecimentos, para os organizar, enriquecer e desenvolver” (p.172). Ao estabelecer-se diálogos entre alunos e professores, cooperando para o mesmo fim, está-se a contribuir para um clima de escola.

Nunca permitimos (eu e professora) que nenhum aluno saísse prejudicado ou em desvantagem. Todos foram chamados a participar do mesmo modo: todos pintaram janelas, todos participaram no teatro, todos contribuíram com produtos para as vendas que decorreram e nas vendas. Esta última atividade é descrita pela maioria dos alunos (alunos 3, 7, 8, 16, 17, 2, 4, 5, 25, 6, 28... em anexo 4) como sendo uma tarefa marcante. Em todos os momentos foram sempre orientados por mim ou pela professora cooperante, havendo sempre a preocupação de não se perder em nenhum momento as aprendizagens já efetuadas. A conciliação entre o cumprimento das orientações curriculares e programa do 1º ciclo com os preparativos da festividade transmite que tudo se consegue fazer usando uma gestão correta do tempo. A preocupação demonstrada pelos adultos pelo sucesso das crianças fortaleceu as relações e deu-lhes confiança. Esta observação é constatada em todas as entrevistas (em anexo 3) elaboradas pelos docentes, embora de forma não explícita.

Muitos dos preparativos foram realizados em tempo extracurricular. As professoras ficavam na instituição horas-extra para terminar trabalhos. Alguns alunos e pais também se juntavam a esses momentos. Fui sempre convidada pela professora

cooperante para ajudar e foi sempre com grande gosto e dedicação que o fiz. Nestas horas, com a instituição vazia, professoras e cooperantes trabalhavam dedicadamente por uma causa: tornar a festividade apelativa e acolhedora para todos aqueles que a visitassem e mostrar o trabalho e dedicação de uma equipa. As figuras 12, 13 e 14 mostram estas vivências.



Figura 14 – Espírito de equipa (fonte própria)



Figura 15 – Ajuda dos alunos (fonte própria)



Figura 16 – Trabalho de uma professora (fonte própria)

Os alunos do 1.º CEB foram chamados a mostrar o valor e o rigor da sua aprendizagem, enriquecendo assim a sua capacidade de comunicação e de argumentação. Cada aluno começa por ter o “seu” universo e aos poucos vai-se socializando e descobrindo o universo exterior proporcionador de aprendizagens, e determinante nas escolhas que este como indivíduo irá fazendo ao longo do seu percurso como cidadão. Esta festividade é um reflexo de todo o seu trabalho e esforço, mas também da boa disposição e cooperação que se desenvolve na instituição ao longo do ano e, especificamente, ao longo do mês de preparação.

Assistir a este sucesso não teria sido possível sem o trabalho conjunto de todos os que colaboraram. As crianças deram um grande contributo, encarando sempre os preparativos e ensaios como a preparação para o “grande dia”. Apesar de estas vivências não estarem evidente na maioria dos seus textos (em anexo 4 apenas os alunos 12, 14, 21 e 22 o referem), espero que esta experiência lhes tenha ensinado que muita coisa só é possível com a colaboração de todos.

Os pais tiveram um importante papel no sucesso desta festividade, colaborando na preparação. Enviaram acessórios para exposição, doces e salgados para venda e degustação e alguns até o contributo físico nos preparativos das decorações elaboradas. É por isso que, cada vez mais, “nos jardins de infância e nas escolas do ensino básico,

começa a ser vulgar a participação dos pais em actividades escolares, do tipo festas, comemorações e visitas de estudo” (Marques, 2001, p.19).

Importa ainda referir que momentos de festa e de descontração são relevantes para o desenvolvimento social das crianças e para o clima de escola, uma vez que “a escola é um lugar de aprendizagem social” (Postic, 1992, p. 35)

Apesar de nem sempre ser diretamente mencionado e mostrado nos textos (em anexo 4), nas entrevistas (em anexo 3) e nas fotografias (apresentadas ao longo do Relatório), para quem esteve presente na sua realização, foi visível a alegria com que estas crianças desempenharam os seus papéis, o sentido de responsabilidade demonstrado, e a forma como se elogiavam uns aos outros, às professoras e a mim pelo trabalho desenvolvido.

c) Em que medida esta festa tem impactos nas dinâmicas pedagógicas e nos processos de aprendizagens da turma em análise

No decorrer dos preparativos/organização da festividade, o horário de turma foi sempre cumprido e as matérias previstas lecionadas, mas as suas actividades foram maioritariamente adaptadas e direccionadas à festividade. Os trabalhos daqui resultantes iriam ser expostos no dia da festividade. Isto contribuiu para que os alunos, conscientes deste objetivo, fossem mais cuidadosos e empenhados na elaboração dos seus trabalhos. As figuras 17 e 18 apresentadas abaixo são exemplos disso.

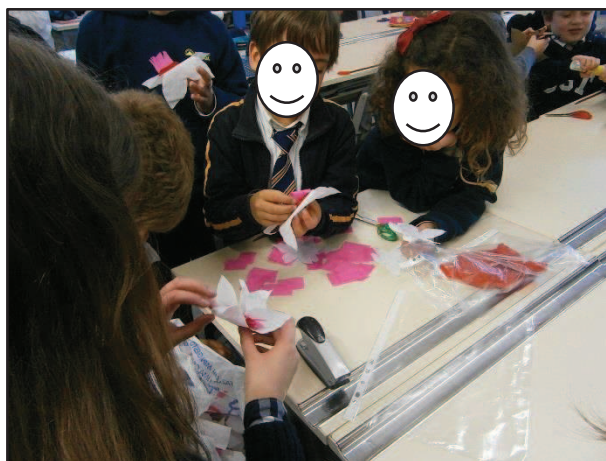


Figura 17 – Elaboração de flores de amendoeira para expor na sala (fonte professora titular de turma)

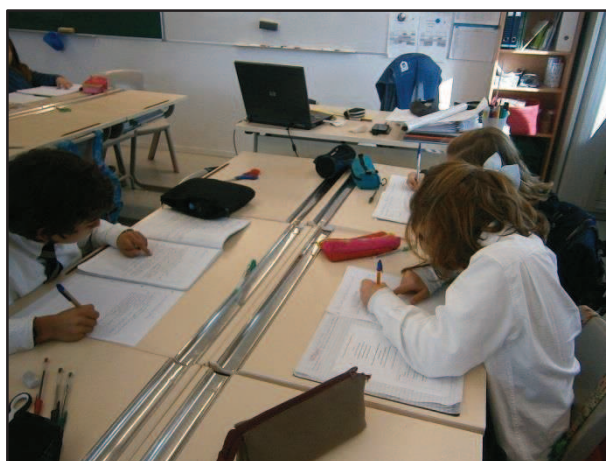


Figura 18 – Passar a limpo textos descritivos sobre as flores de amendoeira para expor na sala de aula (fonte própria)

Foram escolhidos e realizados, entre professoras e alunos, com principal relevância destes, textos, ilustrações, problemas, títulos para identificar as várias regiões de Portugal, mapas, pinturas “murais” em papel cenário. Todo este material iria ser exposto para decoração da sala e ser posteriormente visto e apreciado pelos visitantes. O que se revelou numa oportunidade de aprendizagens cooperativas que normalmente não caracteriza as dinâmicas da sala de aula onde ocorreu a minha PES. Esta informação foi salientada pelos docentes da instituição, em todas as entrevistas realizadas (em anexo 3).

Uma das atividades realizadas na sala de aula no *dia da escola* foi a venda de produtos gastronómicos alusivos ao tema. Esta permitiu às crianças a aquisição de

saberes através de uma dinâmica diferente do que seria praticável em ambiente de sala de aula. Não estavam apenas a aprender através dos conteúdos e exercícios do manual, mas fazendo como se de uma troca comercial normal se tratasse. Não podemos, contudo esquecer que esta prática fez uso de conhecimentos teóricos previamente adquiridos. Como demonstrado numa das entrevistas (em anexo 3) “só é possível fazer um Open Day se este for construído na base das aprendizagens feitas até esse momento.” (docente D).

Fui impulsionadora de uma das atividades que teve como objetivo a elaboração de bolinhos para as vendas previstas.

A elaboração de uma receita pareceu-me ser a mais apropriada para o momento. Os alunos tinham de ser aliciados para as práticas curriculares que a ideia de festa parecia estar a desviá-los. Achei adequado ir por este caminho, porque senti que tinha de usar no momento conhecimentos transversais a todas as áreas curriculares abordadas em sala de aula. Esta dinâmica pedagógica resultou no envolvimento das crianças no processo fazendo uso dos conhecimentos anteriormente adquiridos em diferentes áreas curriculares: ler e interpretar textos (Português); medida: massa, tempo e capacidade (Matemática); dinheiro: adição e subtração de quantias de dinheiro (Matemática); aspetos físicos do meio local (Estudo do Meio).

Como já foi referido no dossiê de estágio (na secção das planificações, em anexos digitalizados), a confeção dos alimentos é uma tarefa de enorme importância para crianças. Alerta-as para hábitos alimentares saudáveis e regras de higiene na preparação dos alimentos, é também um momento lúdico e divertido, que muitas vezes as ajuda a gostar e apreciar certos alimentos. Nunes e Breda (2001) “identificam como objetivos da educação alimentar destinada às crianças..., a criação de atitudes positivas



Figura 20 – Elaboração dos bolinhos (fonte própria)

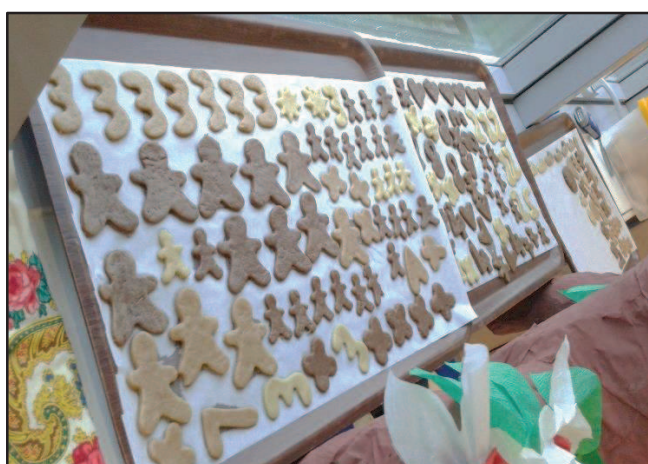


Figura 21 – Bolinhos antes de irem ao forno (fonte própria)



Figura 22 – Bolinhos preparados (fonte própria)

A realização deste evento é importante nas dinâmicas pedagógicas e nos processos de aprendizagem pelas seguintes razões: permite uma abertura às

aprendizagens desenvolvidas diariamente, sedimenta o conhecimento adquirido, desenvolve o sentido de responsabilidade, permite cooperação e valoriza o mérito do trabalho. Estas evidências foram referidas pelos docentes em todas as entrevistas realizadas (em anexo 3).

4.4. Impactos sentidos por ter participado na festividade

Segundo Brunet (1992) “São os actores de um sistema que fazem da organização aquilo que ela é. Por isso, é importante compreender a percepção que estes têm da sua atmosfera de trabalho, a fim de se conhecerem os aspectos que influenciam o seu rendimento” (p.125)

A participação nesta festividade foi impulsionadora de relações pessoais entre todos os que trabalharam dedicadamente para a sua concretização, e integradora de elementos alheios à instituição como era o meu caso.

Ter sido convidada para a sua concretização foi motivador, pois refletiu um apreço pela minha dedicação e esforço. Ser-se reconhecido profissionalmente é gratificante, disponibiliza-nos para futuros trabalhos e consolida a nossa autoestima.

Foi na minha colaboração no horário pós laboral, sem a pressão do cumprimento dos objetivos da PES, que mais se fortaleceram os laços afetivos e companheirismo entre os membros da instituição e fora dela, mas envolvidos no processo educativo. Esta participação fez-me sentir como um elemento integrado na orgânica da instituição e sedimentou em mim a importância que um ambiente de trabalho reflete nas práticas. As atividades sociais desenvolvidas por todos, fora do ambiente formal, proporcionam um conhecimento dos outros e de nós próprios. Foram impulsionadoras de relações informais que nunca interferiram com a dinâmica do desempenho profissional. Segundo Brunet (1992) “O ambiente de trabalho constitui um elemento de primordial

importância na definição dos estímulos e das coacções à actividade dos professores.”
(p.132)

Toda a colaboração e participação neste evento fez-me acreditar e valorizar a importância de eventos desta natureza. Eles contribuem para uma dinâmica e intervenção de todos os seus membros que decerto contribuirão para a construção de uma instituição vocacionada para a qualidade. Segundo Owens, Sinclair e Kalis (in Brunet 1992) “As escolas diferem de uma forma marcante, não só na arquitectura e no estatuto socioeconómico dos alunos, mas também na atmosfera, no clima e na cultura.”
(p.133)

Os valores que defendem vão ao encontro do modo como me trataram e integraram. A minha relação com a professora cooperante foi sempre positiva, mas neste momento fortaleceu-se. Trocámos conhecimentos, ajudei-a nas tarefas possíveis e substitui-a noutras, deixando-a mais disponível para a prossecução das suas funções. Fui um elemento facilitador das suas tarefas e não um obstáculo. Os momentos passados com as crianças, enquanto trabalhávamos, foram impulsionadores de uma relação de afinidade. Nesses momentos não estávamos apenas a realizar a tarefa, íamos conversando, partilhando ideias, opiniões, criando confiança e proximidade, íamo-nos conhecendo. Como afirma Hohman e Weikart (2004) “aprender a confiar e a acreditar no apoio de um grupo de pessoas exteriores ao grupo familiar constitui um importante passo em frente do desenvolvimento da criança”. (p.66)

A razão do sucesso e da satisfação sentida, no final da PES, está relacionado com o clima e cultura de escola, que fui sentindo ser praticado ao longo da festividade e que foi favorável na minha intervenção. Segundo Brunet (1992) “O clima

organizacional tem um efeito directo e determinante sobre a satisfação e o rendimento dos membros de uma organização.” (p.133)

5. Capítulo IV - Considerações Finais

Nesta Reflexão Final, farei o balanço crítico de toda a experiência vivida ao longo da PES. Apresentarei as minhas reflexões sobre a importância do Relatório Final e da realização da PES, as limitações encontradas durante o trabalho desenvolvido, bem como sugestões de novas pesquisas. Serão tidos em consideração todos os elementos apresentados nos capítulos anteriores, com a finalidade de ponderar o conhecimento adquirido ao longo da sua realização, e projetar novos caminhos de intervenções futuras.

O Relatório Final é um documento que considero de grande interesse pessoal, pois nele se reflete todo o meu trabalho desenvolvido na PES ao longo do Mestrado.

Termino assim mais uma etapa da minha vida. Como afirma Savater (2006, p. 13), “o homem torna-se homem através da aprendizagem”. Ao longo desta etapa, procurei valorizar todas as aprendizagens e competências que me foram inculcadas e me fizeram crescer com satisfação e alegria.

Durante o meu percurso académico tive a possibilidade de adquirir e aprofundar conhecimentos e saberes, de refletir sobre a opinião de diversos autores e mentores acerca de variados aspetos da educação. Todos os conhecimentos permitiram-me compreender e enaltecer determinadas atitudes, posições e situações vivenciadas ao longo da PES.

O estágio, segundo o D.L. n.º 344/89 e Port. N.º 336/ 88, citado em Ministério da Educação (2002)

constitui uma componente fundamental do curso destinada a iniciar formalmente os alunos no mundo da prática profissional docente e concretiza-se através de atividades diferenciadas ao longo do curso e em períodos de duração crescente e de responsabilização progressiva, completando-se com uma fase de responsabilização pela docência, designada por estágio. (p. 17).

A PES é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento da formação profissional de um futuro docente. De acordo com Silveira (2000) a formação profissional “é necessária a todos os indivíduos que, em contexto de trabalho, necessitam de aplicar conhecimentos” (p.22).

Em toda a minha prática e intervenções, diversifiquei as estratégias utilizadas nas diferentes áreas curriculares sempre com o objetivo de proporcionar dinâmicas pedagógicas facilitadoras de processos de aprendizagem significativos. As atividades propostas foram pensadas e planeadas sempre em função das necessidades das crianças. Para Proença (1990), “o professor não deve estar apenas atento àquilo que os seus alunos aprendem, mas também ao modo como se desenvolvem as atividades de aprendizagem”(p.92).

Nem sempre foi linear o processo de elaboração deste Relatório Final, tive dificuldades que foram sendo ultrapassadas. A escolha e decisão do tema não foi óbvia. Após a escolha do tema deparei-me com alguns obstáculos para fundamentar teoricamente certas práticas e conteúdos, por falta de bibliografia.

No entanto, a escolha deste tema: *As festas como manifestação de cultura e clima de escola* levou-me a refletir bastante sobre o ambiente escolar na instituição em questão, que é descrito nos capítulos anteriores. Inevitavelmente, e sobretudo pelo conhecimento de realidades observadas anteriormente, estabeleci paralelismos.

Despertou-me para o modelo de atuação noutros cenários escolares, julgando ser importante referir, que os valores que a instituição em análise defende não são os mesmos comparativamente a outras realidades que fui conhecendo, daí não se poder expandi-los a toda a comunidade escolar e país. Desenvolvi a questão de cultura e clima de escola de forma teórica, focando-me sempre na instituição em análise. Penso que

noutras instituições a realização de uma festividade teria características e resultados diferentes, porque diferentes são certamente a cultura e o clima de escola. Esta experiência foi muito gratificante e gostaria que fosse possível tentar introduzi-la noutras realidades institucionais, tentando obter resultados que comprovassem os resultados que emergiram do estudo que aqui se conclui e que assim posso resumir: as festividades escolares, sendo um parâmetro que consta dos valores da instituição que procuram aproximar a cultura externa e interna não descurando as atividades pedagógicas legais, permitem promover novas aprendizagens significativas e métodos dinâmicos de aquisição de conhecimentos fora do contexto académico. As mesmas contribuem para formação de cidadania nos alunos que se irá refletir no clima e cultura de escola, reforçando a missão a que a instituição se propõe.

Esta instituição foi sem dúvida um desafio enorme pessoal e profissionalmente. Considero que me adaptei à sua cultura e valores. Apesar de a primeira semana ter sido de *choque* perante algumas práticas, como por exemplo as religiosas e o uso de uma farda, a interação com o grupo de crianças, com a professora cooperante e com toda a instituição, que me integraram sempre como membro efetivo, levou-me a aceitar com naturalidade a sua realidade sem sentir pressão, presunção e/ou preconceito.

Quanto à festividade em si, foi para mim uma aprendizagem, nunca presenciei uma festa de escola com esta dimensão e considero como um modelo a seguir. No entanto, deixaria que fossem os alunos a escolherem o tema com o intuito que este fosse ao encontro dos seus interesses e vivências gerais.

O mundo à volta da escola está a mudar a grande velocidade, e isso cria novos desafios para a educação. Temos de saber o que vale a pena aprender hoje na escola para manter um modo de vida sustentável, como reagir ao modo como este mundo em

mudança está a influenciar a vida das crianças e o trabalho das escolas, como melhorar a cultura escolar para aumentar a motivação e a alegria de aprender dos nossos alunos e manter um nível de desempenho satisfatório.

Encaro este trabalho de investigação como uma trajetória, em que, no âmbito da educação, mais do que uma meta a atingir, torna-se necessário uma constante atualização e aprofundamento dos conceitos, das estratégias e dos métodos mais adequados na relação com as crianças, bem como dos conteúdos programáticos a transmitir. Uma pesquisa sobre temáticas respeitantes à educação afigura-se pois como uma tarefa infindável, que não deve inibir o professor de envidar todos os esforços com vista à sua formação contínua, abraçando a via do ensino como um projeto vital.

Apesar de ter terminado mais uma etapa da minha vida académica, não significa que não tenha em vista novos estudos. Enquanto futura docente, e para que consiga ser uma boa profissional, é pertinente que me dedique a novos estudos, com o intuito que os meus conhecimentos estejam sempre atualizados. Tal como afirmam Alonso e Roldão (2005) “a aprendizagem de um professor nunca termina” (p.36).

Como desafio proponho-me no futuro pesquisar os temas que mais gostaria de aprofundar e que se prendem com a relação afetiva ou de empatia com as crianças.

Uma vez que já realizei vários estágios e trabalhos com crianças de Necessidades Educativas Especiais (NEE), o caminho que futuramente gostaria de trilhar em termos académicas seria a área educacional ligada às NEE.

Com todos os conteúdos teóricos e práticos, com todas as observações mas principalmente vivências e experiências ao longo do meu percurso académico, nas diferentes Unidades Curriculares e locais de estágios, com diferentes professores cooperantes e orientadores, formei-me, chegando à conclusão da razão da escolha desta

profissão (a criança) e reforçando a dedicação pelo que irei tentar fazer no futuro (a diferença).

Bem gostaria de por em prática, já como profissional tudo o que aprendi. Tenho consciência que não será tão óbvio como desejaria. Os obstáculos irão surgir dada a conjuntura do país. Contudo fiquei mais certa da importância de se ser professor e educar. Enquanto a educação e a escola não forem prioridade das políticas sociais e tidas como essenciais na formação, teremos sempre uma sociedade que fomenta a desigualdade e não teremos cidadãos conscientes e responsáveis.

Bibliografia

- Abreu, M. C. e Masetto, M. T. (1990). *O professor universitário em sala de aula*. São Paulo: MG Editores Associados.
- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação. Um guia prático e crítico*. Porto: ASA Editores.
- Alarcão, I. (1996). *Formação reflexiva de professores. Estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Alonso, L. e Roldão, M. C. (2005). *Ser professor do 1.º ciclo: construindo a profissão*. Coimbra: Edições Almedina.
- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal.
- Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Brickman, N. A. E Taylor, L. S. (1996). *Aprendizagem activa: ideias para o apoio às primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Gulbenkian.
- Cabral, M. (2005). *Como analisar manuais escolares*. Lisboa: Texto Editores.
- Cabral, R. F. (2001). *Excelência, educação e desenvolvimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Carvalho, R. G. G. (2006). Cultura global e contextos locais: a escola como instituição possuidora de cultura própria. *Revista Iberoamericana de Educación* (ISSN: 1681-5653) nº 39/2. Recuperado em 2015, abril 6 de <http://www.rieoei.org/1434.htm>.

- Deshaies, B. (1997). *Metodologias da investigação em ciências humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Flores, M. A. e Simões, A. M. V. (2009). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspetivas*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (20.^a ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Lessar-Hébert, M., Goyette, G. e Boutin, G. (1990). *Investigação qualitativa fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Ludke, M. e André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2004). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Marques, R. (2001). *Saber Educar. O guia do professor*. Lisboa: Editorial Presença.
- Maya, M. J. (2000). *A autoridade do professor. O que pensam alunos, pais e professores*. Lisboa: Texto Editora.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2004). *Organizações curriculares e programas do 1.º ciclo do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Morgado, J. (2004). *Qualidade na educação: um desafio para os professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Neto, C. (2003). *Jogo & desenvolvimento da criança*. Lisboa: Fmh Edições.

- Nunes, E. e Breda, J. (2001). *Manual para uma alimentação saudável em jardins de infância*. Lisboa: Direcção Geral de Saúde.
- Nóvoa, A. (1991). *Ciências da educação e mudança*. Porto: S.P.C.E., Afrontamento.
- Nóvoa, A., Hutmacher, W., Good, T. L., Weinstein, R. S., Bosker, R. J., Scheerens, J., Brunet, L., Glatter, R. e Canário, R. (1992). *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Dom Quixote.
- Nóvoa, A. (1992). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote.
- Nóvoa, A. (2006). *Entrevista pela educação, com António Nóvoa*. Saber (e) Educar 11. Recuperado em 2015, abril 6 de <http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/14>.
- Oliveira D. C. (2008). Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. *Rev. enferm. UERJ*. Rio de Janeiro: out/dez; 16(4) (p.569-576);
- Pacheco, J. A. (1995). *O pensamento e a acção do professor*. Porto: Porto Editora.
- Pacheco, J. A. (1995). *Formação de professores: teoria e praxis*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho.
- Pacheco, J. A. e Flores, M. A. (1999). *Formação e avaliação de professores*. Porto: Porto Editora.
- Postic, M. (1992). *O imaginário na relação pedagógica*. Porto: Edições ASA.
- Ponte, J. P. e Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da matemática do 1.º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Proença, M. C. (1990). *Ensinar/Aprender História*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Quivy, R. e Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Savater, F. (2006). O valor de educar. In F. Savater, R. Moreno Castillo, N. Crato, H. Damião. *O valor de educar, o valor de instruir*. Porto: Porto Editora.

Sérgio, A. (1984). *Educação cívica*. (3.^a edição). Lisboa: Ministério da Educação.

Silveira, L. (2000). *Detecção, identificação e análise de necessidades de formação e aprendizagem*. Matosinhos: Contemporânea.

Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura: compreensão de textos*. Lisboa: Ministério da Educação.

Tonucci, F. (1986). Contributo para a definição de um modelo educativo: da escola transmissiva à escola construtivista. *Análise Psicológica*. (pp. 169-178)

Zabalza, M. (1998). *Qualidade em educação infantil*. Brasil: Porto Alegre, artmed.

Legislação

Lei n.º 46/86 de 14 de outubro/lei de bases do sistema educativo;

Decreto-Lei N.329/1998 de 2 de novembro;

Decreto-Lei N.º 6/2001 de 18 de janeiro e declaração de rectificação n.º 4-A/2001 28 de fevereiro;

Decreto-Lei N.º 209/2002 de 17 de outubro;

Decreto-Lei N.º 344/89/2002 de 11 de outubro;

Constituição da República Portuguesa, capítulo III, artigo 73.º

Anexos

Anexo 1 – Guião da entrevista a realizar ao reitor da instituição

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

MESTRADO EPE E 1º CEB

Orientadora: Elisabete Gomes

Maria Inês Nicolau Falé

Entrevista

Estagiei no primeiro ciclo nesta instituição. No âmbito desse estágio e para realização do relatório final decidi, com o apoio da professora coordenadora, abordar o tema das festividades na escola. Escolhi trabalhar sobre o Open Day. Colaborei nesta iniciativa e pareceu-me muito interessante, quer para os alunos quer para o corpo docente. Com esta entrevista pretendo obter mais informação sobre a relevância deste evento no colégio.

Peço que me autorize a gravar esta entrevista, porque me permite transcrever com rigor o que ficou registado. Comprometo-me a que a mesma seja confidencial e anónima e a enviar a transcrição assim que estiver pronta.

Agradeço a sua disponibilidade e ajuda na concretização desta entrevista.

Objectivos	Questões	Notas
<input type="checkbox"/> Conhecer a origem do Open Day.	1. Como surgiu?	
<input type="checkbox"/> Compreender as funções do Open Day: realização e comunicação dos alunos; promoção do colégio.	1.1. Qual a sua importância? 1.2. Quais os objectivos? 1.3. Quais motivações que sentem para a realização deste dia?	

<p>☐ Verificar qual a percepção da directora relativamente aos impactos na relação da família com a escola.</p>	<p>2. Qual a relação da escola com a família na preparação e execução do Open Day?</p>	
<p>☐ Caracterizar a motivação e o envolvimento do corpo docente.</p>	<p>3. Quais as motivações do corpo docente? 3.1. Como é impulsionado o envolvimento do corpo docente neste projecto de escola?</p>	
<p>☐ Compreender a importância das festividades escolares para os alunos, da perspectiva da entrevistada.</p>	<p>4. Qual o impacto que este dia tem nas crianças? 4.5. Que relevância lhe dão?</p>	
<p>☐ Averiguar a compatibilidade com o planeamento/aprendizagens curriculares, da perspectiva da entrevistada</p>	<p>5. Qual a relação com as aprendizagens curriculares previstas em cada ciclo de ensino?</p>	

Anexo 2 – Guião das entrevistas realizadas aos docentes do 1º ciclo da instituição

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

MESTRADO EPE E 1º CEB

Orientadora: Elisabete Gomes

Maria Inês Nicolau Falé

Entrevista

<p>1. Qual a relação da escola com a família na preparação e execução do Open Day?</p>
<p>2. Quais as motivações e envolvimento do corpo docente?</p> <p>2.1. Qual o papel desempenhado na seleção dos temas e nas dinâmicas que ocorrem em cada ano?</p>
<p>3. Do seu ponto de vista qual o impacto que este dia tem nas crianças?</p> <p>3.1. Do seu ponto de vista, qual a relevância que as crianças atribuem a este dia?</p>

Anexo 3 – Entrevistas realizadas aos docentes do 1.º ciclo da instituição

Existem seis docentes de 1.º ciclo nesta instituição: dois no 1.º ano, um no 2.º ano, um no 3.º ano, dois no 4.º ano. Somente cinco se disponibilizaram a responder: um no 1.º ano, um no 2.º ano, um no 3.º ano, dois no 4.º ano (entrevistas digitalizadas). Com estas entrevistas pretendi obter mais informação sobre a relevância do *dia da escola* para a cultura e clima desta instituição e o impacto que esta tem nas dinâmicas pedagógicas e nos processos de aprendizagens das crianças.

Depois de uma primeira leitura das entrevistas a analisar, categorizei partes da mesma, que passo a apresentar em forma de tabela.

As categorias de análise foram criadas a partir das três grandes questões orientadoras deste Relatório Final:

- Relevância desta festa na cultura de escola
- Relevância desta festa no clima de escola
- Impactos desta festa nas dinâmicas pedagógicas e nos processos de aprendizagem das crianças

Na coluna Unidade de Contexto encontram-se citações das entrevistas que dão respostas às categorias apresentadas.

Categorias	Unidades de contexto
<ul style="list-style-type: none"> • Relevância desta festa na cultura de escola 	<ul style="list-style-type: none"> – “O professor titular define o tema da sua sala e toda a dinâmica. Depois reúne-se com todos os professores (titulares e extras) e discutem as ideias...” (docente A); – “...mostrar a vida do colégio, o que se aprendeu ou está a aprender e o que cada um dos alunos já cresceu e consegue fazer sozinho e com confiança.” (docente B); – “...já faz parte da vivência em ..., as crianças reconhecem-lhe essa importância e sabem que sem elas nada seria possível.” (docente C); – “Fá-los crescer na sua responsabilidade, no que querem mostra à comunidade.” (docente D); – “Mostrar o trabalho que foi desenvolvido ao longo dos primeiros meses de trabalho.” (docente E); – “...um dia em que podem presentear os pais, avós, irmãos e restante família.” (docente E).
<ul style="list-style-type: none"> • Relevância desta festa no clima da escola 	<ul style="list-style-type: none"> – “É o momento de partilha e de beleza de todo o trabalho realizado até ao momento.” (docente A); – “As famílias normalmente colaboram...” (docente B); – “O envolvimento de todos é determinante para o bem comum...” (docente C) – “...saber que temos a liberdade de trabalhar em conjunto com as parceiras de cada ano, discutindo e melhorando as nossas didáticas.” (docente D); – “Este dia é inesquecível para todos (alunos, professores e pais)...” (docente E).
<ul style="list-style-type: none"> • Impactos desta festa nas dinâmicas pedagógicas e nos processos de aprendizagens das crianças 	<ul style="list-style-type: none"> – “relaciona-se com as aprendizagens curriculares na medida em que todos os conteúdos trabalhados ao longo do ano aparecem sobre forma de exposição” (docente A); – “os conteúdos são o ponto de partida...” (docente B); – “A seleção dos temas é fundamental na dinâmica...” (docente C); – “Em cada ano o enquadramento ... é feito no contexto de aprendizagem.” (docente C); – “...só é possível fazer... se este for construído na base das aprendizagens feitas até esse momento.” (docente D); – “O plano...pode ser trabalhado já no Plano Anual, mas deve estar aberto às sugestões dos alunos, adaptando-se aos temas que suscitaram maior entusiasmo e interesse nos alunos.” (docente E); – “possibilitam uma data de aprendizagens que nem sempre são trabalhadas no dia-a-dia, como por exemplo, as competências sociais (responsabilidade, autonomia, etc.) e ... uma relação entre todas as disciplinas.” (docente E).

Breve interpretação dos dados:

O quadro sinóptico acima apresentado, construído a partir dos principais temas do Relatório Final, das perguntas lançadas nas entrevistas e de citações dos discursos dos entrevistados, leva-me à seguinte interpretação:

- Relativamente à relevância desta festa na cultura de escola todos os docentes a consideram importante uma vez que esta possibilita processos sociais partilhados pelos membros da comunidade escolar.
- Quanto à relevância desta festa no clima de escola, afirmam que nos momentos de preparação existem variáveis físicas e humanas que se movem positivamente e em prol do mesmo fim o que contribui positivamente para um clima de escola.
- Relativamente aos impactos desta festa nas dinâmicas pedagógicas e nos processos de aprendizagens das crianças, todos os docentes consideram que esta se relaciona completamente com as aprendizagens curriculares. É com base nas aprendizagens, dos alunos ao longo do ano, que surgem os temas para a realização da festividade. O docente E acrescenta ainda a importância que o *dia da escola* revela nas dinâmicas diferenciadas que ocorrem nessa altura e que são proporcionadoras de aprendizagens não só curriculares mas também sociais.

Anexo 3.1. – Entrevistas realizadas aos docentes (digitalizados) CD ROM

Anexo 4 – Textos livres sobre a festividade realizados pelas crianças

A turma do 3.º ano da instituição onde ocorreu a minha PES é constituída por 31 crianças, 19 rapazes e 12 raparigas, com idades compreendidas entre os 7 e os 9 anos. Apenas foram recolhidos 29 textos (digitalizados), porque duas das crianças encontravam-se em falta no dia da sua realização. Desses 29 textos apenas me foi possível tratar dados de 24 (em alguns dos textos a caligrafia estava impercetível). Para a sua execução, pedi às crianças que escrevessem sobre o *dia da escola* e o impacto/importância que este teve para elas. Pretendendo, desta forma, recolher mais informações sobre a relevância deste dia para as crianças e de que modo estas o descreviam e, supostamente, o sentiam.

Depois de uma primeira leitura dos textos a analisar, categorizei partes do mesmo, que passo a apresentar em forma de tabela.

As categorias de análise foram criadas a partir do tema orientador deste Relatório Final:

- Relevância/ importância desta festa para as crianças;
- Aprendizagens curriculares.

Na coluna unidade de contexto encontram-se citações dos textos das crianças que dão respostas às categorias anunciadas.

Categorias	Unidades de contexto
<ul style="list-style-type: none"> • Relevância/ importância desta festa para as crianças 	<ul style="list-style-type: none"> – “No sábado estávamos todos nervosos e felizes...” (aluno 2); – “... acordei muito cedo e fui tomar o pequeno almoço muito rapidamente, fui-me vestir. Fui para o carro e fomos para a escola.” (aluno 3); – “...foi muito especial porque os nossos familiares puderam ver os nossos trabalhos.” (aluno 6); – “...o colégio está aberto para nós mostrarmos à família os trabalhos que nós fazemos no colégio.” (aluno 7); – “Achei que este foi o melhor!” (aluno 8); – “...trouxe os meus pais e os meus avós a ler os meus trabalhos e os trabalhos dos meus amigos...” (aluno 9); – “...de ano em ano é mais divertido.” (aluno 11); – “Foi o mais divertido de sempre.” (aluno 11); – “A decoração foi toda nossa, tivemos muito trabalho, mas ao fim de muito tempo acabámos.” (aluno 12); – “Este foi o melhor...que já tive em toda a minha vida!” (aluno 13); – “Nós ganhamos muito dinheiro e esse dinheiro é para as bolsas.” (aluno 16); – “...vendas que nós fizemos para angariar dinheiro...” (aluno 17); – “...nesse dia especial...” (aluno 19); – “...é giro e também muito importante para nós, para a nossa família e para todas as outras pessoas.” (aluno 21); – “...foi o mais interessante para mim e eu nunca o esquecerei em toda a minha vida!” (aluno 21); – “...eu acordei bem cedo...porque era um dia muito especial para mim.” (aluno 28).
<ul style="list-style-type: none"> • Aprendizagens curriculares 	<ul style="list-style-type: none"> – “...fizemos textos sobre nós em Inglês.” (aluno 2); – “Eu vendi nas três bancas...” (aluno 3); – “Na sala tínhamos uma venda, cada fatia de bolo por 50 cêntimos...” (aluno 4); – “Vendemos...” (aluno 5); – “...houve jogos de matemática...” (aluno 6); – “...com muito cuidado escrevemos textos.” (aluno 10); – “...nós fizemos muitos trabalhos...” (aluno 14); – “...fizemos uma venda...fizemos problemas e nos quadros mapas.” (aluno 16); – “...mostrei aos meus pais o que aprendi e estudei.” (aluno 19); – “A minha turma fez uma apresentação sobre “João Serrão”” (aluno 20); – “...fizemos imensos trabalhos e projetos...” (aluno 21); – “...fizemos muitos trabalhos sobre português, matemática, ciências e inglês.” (aluno 22); – “...mostramos aos pais o que andamos a aprender...” (aluno 24); – “...vendemos bolos...” (aluno 25); – “No português nós passamos muitos textos...na matemática nos passamos problemas... no estudo do meio fizemos muitos desenhos e falamos das regiões.” (aluno 26); – “...ver os nossos trabalhos de todas as disciplinas.” (aluno 27); – “...fomos vender biscoitos e bolos que fizemos com a ajuda das professoras...” (aluno 28); – “Na minha sala vendiam-se bolas a 50 cêntimos...” (aluno 6).

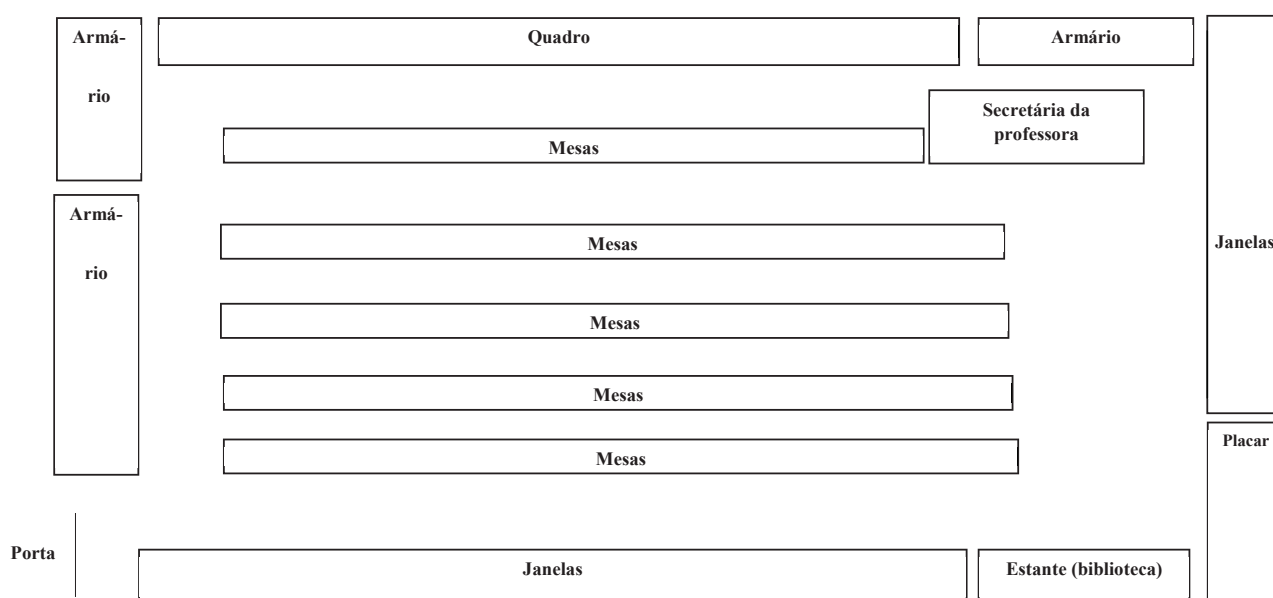
Breve interpretação dos dados:

O quadro sinóptico acima apresentado, construído a partir do tema do Relatório Final, e de citações dos textos realizados pelas crianças, leva-me à seguinte interpretação:

- Quanto à relevância desta festa para as crianças, estas atribuem-lhe uma importância significativa. Em muitos dos textos apercebemo-nos do entusiasmo para o “grande dia” (aluno 2, 3 e 28) e também da satisfação por este se ter concretizado com o sucesso desejado (alunos 8, 13, 11 e 21). É também notório o contentamento das crianças ao mostrar o seu trabalho e desempenho aos familiares que os visitam, e a importância que tem para elas poderem fazê-lo (alunos 7, 9 e 21). As vendas foram referidas várias vezes (alunos 16 e 17), penso que importância que lhes atribuíram deve-se ao fim destinado: angariação de fundos para as bolsas de estudo da instituição.
- Relativamente às aprendizagens curriculares, as crianças revelam nos seus textos atividades e trabalhos que foram realizando ao longo da preparação do *dia da escola* e respetivas exposições. É possível perceber a importância que as vendas, realizadas ao longo da festividade, tiveram para as crianças. Estas possibilitaram-lhes divertimento, mas também responsabilidade e aprendizagens curriculares, uma vez que foram os próprios a tomar conta do dinheiro e a realizar trocos sempre que necessário.

Anexo 4.1. – Textos livres realizados pelas crianças (digitalizados) CD ROM

Anexo 5 – Planta da sala de aula



*A disposição das mesas não é fixa altera conforme as necessidades da turma.

*Os alunos sentam-se em mesas individuais, encostadas, cada uma com 5 a 6 alunos.

Anexo 6 – Planificação da festividade

Apresentação: Dramatização da Lenda de João Serrão

Duração: 30 minutos

Local: auditório (se for possível)

Materiais necessários: dois microfones portáteis, dois microfones fixos, projeção de cenários

Sala de aula: O Mundo e Portugal

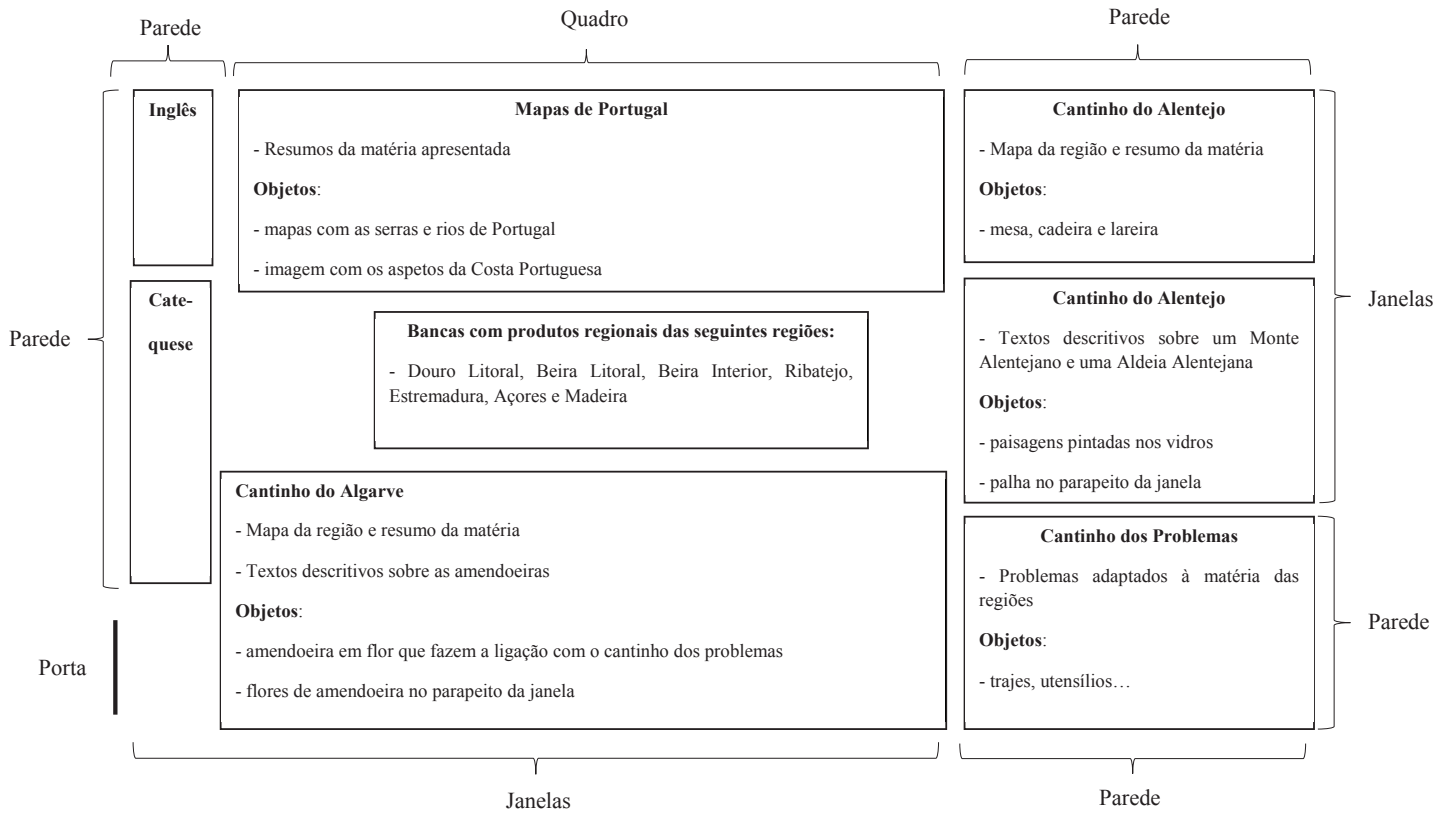
Cantinho do Mundo

Na parede exterior Mapa Mundo e figuras do Presépio com as fachadas das casas correspondentes. Afixar etiquetas que explicam informação relativa aos continentes e oceanos.

Cantinho do Minho

Junto da entrada, Galo de Barcelos e pano dos namorados (idêntico aos da região do Minho) com rimas construídas com a turma sobre a história do galo de Barcelos.

Planta da sala de aula para o dia da festividade:



Materiais a reutilizar do ano anterior: *

- Bancas
- Galo de Barcelos
- Mesa e cadeira para o cantinho do Alentejo

Materiais a reutilizar deste ano: *

- Mapa Mundo
- Figuras do Presépio
- Estrutura da lareira do painel de Natal do 2º ano

* Todos os materiais anteriores serão recuperados e modificados, de forma a terem uma “cara” nova

Materiais a construir:

- Amendoeiras
- Fachadas das casas
- Pano dos namorados
- Mapas de Portugal
- Paisagens
- Chaminé para a lareira.

Anexo 7 – Dossiê de estágio digitalizado CD ROM